



# *Táticas Revolucionárias*

**Mikhail Bakunin**

Título Original: Tácticas Revolucionarias, Buenos Aires: Terramar Ediciones, 2013.

**Tradução:**  
A. Santos



Livraria Anarquista Itinerante



GEAPI - Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí

[geapi.phb@riseup.net](mailto:geapi.phb@riseup.net)

<http://www.anarquistas-pi.blogspot.com.br/>

2015

## SUMÁRIO

Introdução do GEAPI.....	05
Mikhail Bakunin, por James Guillaume.....	06
O problema econômico origina todos os outros .....	25
Os fatores socioeconômicos e psicológicos.....	33
Revolução e violência revolucionária.....	38
Métodos do período preparatório .....	44
Os jacobinos de 1870 temeram a anarquia revolucionária.....	53
A revolução por decreto está destinada ao fracasso .....	60
Programa revolucionário para os camponeses .....	66
O alvorecer da revolução social.....	70

## Saudações socialistas revolucionárias!

O GEAPI - Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí dá início ao ciclo de traduções e lançamentos no ano de 2015 com uma compilação de textos de Mikhail Bakunin, realizada pela *Terramar Ediciones*, de Buenos Aires. “Táticas Revolucionárias” aborda temática variada, enfatizando aspectos teóricos da revolução socialista e libertária.

Os textos de Bakunin servem tanto para subsídios de pesquisas, como para forjar uma teoria prática de coordenação interna e externa de organizações e movimentos, mostrando-se atual para a realidade em que vivemos, ou no mínimo inspiradoras, uma vez que o autor *viveu* boa parte dos acontecimentos revolucionários da Europa no século XIX.

Que o livro novamente nos coloque para refletir sobre a necessidade de não só as organizações compostas unicamente por anarquistas, mas também as metodologias que impulsionem o povo à luta revolucionária, esmagando o capitalismo, o Estado, e todas as formas de opressão, construindo assim um mundo de igualdade, liberdade e justiça.

Para Fevereiro de 2015, publicaremos outro capítulo do livro *Escritos de filosofia política*, compilação de textos de Bakunin, organizado por G. P. Maximoff, versando sobre o debate entre materialismo e idealismo.

Agradecemos imensamente o apoio que continuamos a receber de organizações e indivíduos deste país e de outras localidades do mundo, irmanadas pela luta socialista revolucionária, que a cada minuto cresce mais e mais.

## Mikhail Bakunin, por James Guillaume

Mikhail Alexandrovich Bakunin nasceu em maio 1814, na aldeia de Premukhimo, distrito de Toryok, na província de Tver. Seu pai, que tinha seguido a carreira diplomática, viveu sua juventude em Florença e Nápoles, pois era agregado à embaixada; em seguida, voltou a se estabelecer na sua terra natal, onde se casou com a idade de quarenta anos, com uma menina de dezoito anos, que pertence à família Muravief. De ideias liberais, se filiou a uma das associações dos “dezembristas”, mas após o advento de Nicholas I, desanimado, um pouco céptico, não pensou senão em cultivar suas terras e educar seus filhos. Mikhail era o mais velho deles e tinha cinco irmãos e cinco irmãs. Aos quinze anos, o jovem Mikhail entrou na Escola de Artilharia de Petersburgo e passou ali três anos; mais tarde, ele foi enviado como um alferes para um regimento de guarnição na província de Minsk.

Isso ocorria pouco depois de ser sufocada a insurreição polaca; o espetáculo da Polônia aterrorizada trabalhou poderosamente no coração do jovem oficial e ajudou a inspirar-lhe o horror ao despotismo. Depois de dois anos, ele renunciou a sua carreira militar e, em seguida, a demitir-se (1834), foi a Moscou. Nesta cidade ele passou os seis anos seguintes, com exceção de algumas temporadas - durante o verão - que passou na casa dos pais. Em Moscou, dedicou-se ao estudo da filosofia. Depois dos enciclopedistas franceses, se entusiasmou - o mesmo entusiasmo que seus amigos Nicholas Stankevitch e Belinsky - com Fichte, de que traduziu (1836) as *Vorlesungen über die Bestimmung des Gelehrten*. Chegou em seguida a Hegel, que por esse tempo dominava o pensamento alemão. O jovem Bakunin se convenceu do sistema de Hegel e deixou deslumbrar momentaneamente pela ideia de que “Tudo o que é real é racional”, pela qual se justifica a existência de todos os governos. Em 1839, Alexander Herzen e Nicolas Ogarev - exilados desde alguns anos - retornaram a Moscou e se reuniram com Bakunin, mas agora suas ideias eram muito diferentes para que eles pudessem entender.

Em 1840, aos vinte e seis anos, ele se mudou para Petersburgo e, em seguida, para Berlim, com a intenção de estudar o movimento filosófico alemão, pois pensava em se graduar-se para o ensino e talvez ter um dia uma cátedra de História ou Filosofia em Moscou.

Quando Nicholas Stankevitch morreu no mesmo ano na Itália, Bakunin chegou a admitir a crença na imortalidade da alma como uma doutrina necessária (carta a Herzen de 23 de outubro de 1840). Mas havia chegado o momento de seu desenvolvimento intelectual, assim como a filosofia de Hegel se transformará para ele em uma teoria revolucionária. Ludwig Feuerbach já havia tirado do hegelianismo, no domínio religioso, as suas consequências lógicas; Bakunin faria o mesmo no domínio político e social. Em 1842, deixou Berlim e se estabeleceu em Dresden, onde se uniu a Arnold Ruge, que publicava ali os *Deutsche Jahrbücher*; Foi nessa revista que Bakunin publicou, sob o pseudônimo de “Jules Elysard” um trabalho de conclusões revolucionárias.

O artigo foi intitulado “*A reação na Alemanha - fragmento, por um francês*”, e terminava com estes parágrafos, o último dos quais se fizeram famosos: “Confiemos, pois, no espírito eterno que não destrói e não aniquila, mas porque é a fonte insondável e eternamente criadora de toda a vida. O desejo de destruição é um desejo criativo”. Herzen, pensando em um primeiro momento que o artigo era realmente o trabalho de um francês, escreveu em seu diário depois de lê-lo: “É um forte apelo, firme, triunfante do partido democrático... O artigo é, do começo ao fim, de grande alcance. Se os franceses começarem a popularizar a ciência alemã - os que a entendem, que se compreenda -, a grande fase da ação será iniciada”. O poeta Jorge Herwegh - autor já ilustre das *Gedichte eines Leben* -, estando em Dresden, ficou na casa de Bakunin, com quem formou uma íntima amizade. Foi também em Dresden, onde Mikhail Alexandrovitch conheceu o músico Adolf Reichel, que se tornou um de seus amigos mais fiéis. Uma carta escrita a Ruge da ilha de San Pedro (lago de Vienne), em maio 1843 (publicada em Paris em 1844) no *Deutschfranzösische Jahrbücher*, termina com este veemente apóstrofo: “É aqui onde começa o combate e forte é nossa causa que nós - apenas alguns homens espalhados e com as mãos atadas - com nossos gritos de guerra inspiraremos terror para a suas miríades! Adiante, bravamente! Quero quebrar suas ligaduras - ah germanos que desejam fazê-los gregos - eu, o escita. Envie-me suas obras; as imprimirei na ilha de Rousseau, e com letras de fogo escreverei uma vez mais na história: Morte aos persas”!

Na Suíça, Bakunin conheceu os comunistas alemães, agrupados em torno de Weitling; ele passou o inverno de 1843-1844, em Berna, onde se relacionou com a família Vogt. Um dos quatro irmãos Vogt, Adolf (mais tarde, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Berna), tornou-se seu amigo. Mas, incomodado pela polícia suíça e exigido pela embaixada russa, Bakunin deixou Berna em fevereiro de 1844, se dirigindo para Bruxelas e depois para Paris, onde permaneceu até dezembro 1847.

Em Paris, aonde chegou com seu fiel amigo Reichel, encontrou Herwegh e sua esposa (Emma Siegmund). Conheceu Karl Marx, que, chegando em Paris em 1843, foi em princípio colaborador de Arnold Ruge, mas logo o deixou para iniciar com Engels a elaboração de uma doutrina especial. Bakunin se relacionou com Proudhon, a quem ele via com frequência; coincidentes em certos pontos essenciais e diferenciados em outros, travavam discussões que duravam noites inteiras. Ele também conheceu George Sand, quem admirava o talento e que até então era influenciado por Pierre Leroux. Os anos de Paris foram os mais frutíferos para o desenvolvimento espiritual de Mikhail Bakunin; foi quando ele esboçou as ideias que haviam de constituir em breve seu programa revolucionário. Mas estavam ainda mal apurados em mais de um ponto e misturados com um idealismo metafísico que não se livraria completamente senão adiante.

Foi ele mesmo caracterizou suas relações com Marx e Proudhon na época:

“Marx - escreveu em 1871 (manuscrito francês) - era muito mais avançado do que eu, como ainda é hoje; não somente mais adiantado, mas era incomparavelmente mais sábio. Eu não sabia até então nada sobre a economia política ainda não tinha me livrado de abstrações metafísicas, e meu socialismo era apenas instintivo.

Ele, ainda que mais jovem do que eu, já era ateu, materialista e um consciente socialista. Foi nessa época que ele desenvolveu as primeiras bases do seu sistema atual. Vimo-nos muitas vezes, e eu o respeitava muito por sua ciência e sua devoção apaixonada e séria - embora sempre misturada com a vaidade pessoal - à causa do proletariado, e eu procurava avidamente sua conversa sempre instrutiva e espiritual quando não inspiradas por ódios mesquinhos, que aconteceu muitas vezes. Nunca, portanto, houve intimidade franca entre nós. Os nossos temperamentos não permitiam. Ele me chamou de idealista sentimental e ele estava certo”.

Engels, Bakunin o caracteriza em uma passagem que fala da sociedade secreta fundada por Marx (*Gosudarstvennost i Anarkhia* 1874, pág.224): “Em 1845, Marx se colocou como a cabeça dos comunistas alemães e pouco depois - com M. Engels, seu amigo constante, tão inteligente quanto ele, embora menos erudito, mas em contrapartida mais prático e não menos dotado para a calúnia política, a mentira e a intriga - fundou uma sociedade secreta dos comunistas alemães ou socialistas autoritários”.

Aqui está o que ele diz de Proudhon em um manuscrito francês de 1870: “Proudhon, apesar de todos os esforços feitos para agitar as tradições do idealismo clássico, não por isso deixou de ser, em toda a sua vida, um idealista incorrigível - inspirando-se, como ele disse, dois meses antes de sua morte, ora na Bíblia, ora no direito romano - e metafísico até o extremo. Sua grande desgraça é nunca ter estudado ciências naturais e não haver, portanto, adotado seu método. Teve instintos de gênio que lhe permitiu entrever o caminho certo, mas arrastado por seus maus hábitos idealistas, voltou a cair nos velhos erros, que fizeram dele uma contradição perpétua: um gênio vigoroso, um pensador revolucionário, mas enfrentando sempre os fantasmas de idealismo, que ele nunca chegou a ganhar”.

“Marx, como um pensador, está no caminho certo. Ele estabeleceu o princípio de que todas as soluções jurídicas na história não são as causas, mas sim os efeitos das evoluções econômicas. Este é um grande e fecundo pensamento que não inventou absolutamente nada: foi entrevisto, expresso em parte por muitos outros antes dele; mas, no final, a ele pertence a honra de tê-lo estabelecido solidamente e de fazê-lo como a base de todo o seu sistema econômico. Por outra parte, Proudhon tinha entendido e sentido muito mais liberdade do que ele. Proudhon, quando fazia doutrina metafísica, tinha o instinto do revolucionário: Adorado a Satanás e proclamava a anarquia. Muito possivelmente, Marx poderia, teoricamente, elevar-se a um sistema ainda mais racional da liberdade que Proudhon, mas não tem o instinto de liberdade. Trata-se, da cabeça aos pés, de um autoritário...”.

Em 1847, Bakunin recebeu em Paris Herzen e Ogarev, que haviam deixado a Rússia a viver no Ocidente; também Belinsky - Então em toda maturidade do seu talento -, que morreria no ano seguinte.

Como consequência de um discurso em 29 de Novembro de 1847, em comemoração a insurreição polonesa de 1830, Bakunin foi expulso da França, a pedido da Embaixada Rússia. Para tentar diminuir as simpatias que haviam manifestado tão cedo ao seu redor, o representante da Rússia em Paris, Kisselev, fez correr o

boato de que Bakunin tinha estado a serviço da embaixada, que o havia contratado, mas ela foi forçada para livrar-se dele por ter ido longe demais (carta de Bakunin a Fanelli, 29 de maio de 1867). O Conde Duchatel, ministro do Interior questionado na Câmara dos Pares, se entrincheirou atrás de reticências calculadas para dar incentivo ao boato imaginado por Kisselev e logo teria grande impacto. Bakunin foi para Bruxelas, onde Marx vivia, também expulso da França desde 1845, e de lá escreveu ao seu amigo Herwegh: “Os alemães Bornstedt, Marx e Engels - Marx sobretudo - fazem aqui o seu habitual mau: vaidade, malícia, fofocas, arrogância na teoria e na prática covardia - dissertações sobre a vida, ação e simplicidade, e completa ausência de vida, de ação e simplicidade-, assédios repugnantes com os trabalhadores mais instruídos e simpáticos moradores. Segundo eles, Feuerbach é um burguês, e o epíteto de burguês é repetido até não poder mais por pessoas que não são, dos pés à cabeça mais que burgueses da cidade provinciana; em uma palavra, tolices e mentiras, mentiras e tolices. Em uma sociedade semelhante não há nenhuma maneira de respirar livremente. Mantenho-me longe deles e os declarei claramente que não irei para o seu *Kommunistischer Handwerkerverein*, e não queria ter nada com essa sociedade”.

A revolução de 24 de fevereiro reabriu a Bakunin as portas da França. Apresou-se para voltar a Paris, mas os acontecimentos de Viena e de Berlim o fizeram partir para a Alemanha (abril), de onde esperava poder tomar parte nos movimentos insurrecionais na Polônia. Ele passou por Colônia, onde Marx e Engels iriam começar a publicação da *Neue Rheinische Zeitung*<sup>1</sup>; era o momento em que a Legião Democrática Alemã de Paris, que acompanhou Herwegh, acabava de fazer no Grão-Ducado de Baden uma tentativa insurrecional, que terminou em um fracasso. Marx atacou violentamente Herwegh por isso; Bakunin defendeu seu amigo, o que levou a uma ruptura com Marx. Ele escreveu mais tarde (manuscrito francês, 1871): “Sobre esta questão, eu acho que hoje em dia que, francamente, Marx e Engels tinham razão: Julgavam melhor a situação geral. Eles atacaram Herwegh com o descaro que caracterizavam seus ataques e eu o defendi com calor, pessoalmente, contra eles, em Colônia. Daí vem a nossa discórdia”.

Ele, então, foi para Berlim e Breslau, e depois para Praga, onde ele tentou, em vão, fazer propaganda democrática e revolucionária no Congresso Eslovo (Junho), e onde ele participou do movimento insurrecional duramente reprimido por Windischgrätz; depois voltou para Breslau. Durante a sua estada nesta cidade, a *Neue Rheinische Zeitung* (6 de julho) publicou uma carta fechada em Paris, cujo autor dizia: “Sobre a propaganda eslava, afirmou-nos ontem que George Sand tem documentos que comprometem profundamente o russo expulso daqui, Mikhail Bakunin, e o apresenta como um instrumento ou agente da Rússia, novamente recrutado, ao qual se atribui a parte principal da recente detenção dos infelizes polacos. George Sand mostrou esses papéis para alguns de seus amigos”. Bakunin imediatamente protestou contra esta calúnia infame com uma carta publicada no *Allgemeine Oder Zeitung* de Breslau (carta que o *Neue Rheinische Zeitung* reproduziu a 16 de julho), e escreveu a Mme. George Sand pedindo uma explicação sobre o uso que ele havia feito de seu

---

<sup>1</sup> N. do T.: Nova Gazeta Renana

nome. George Sand respondeu com uma carta ao editor da *Neue Rheinische Zeitung* fechada em Chatre (Indre) em 20 de julho de 1848, em que dizia: “Os fatos relatados pelo seu correspondente são inteiramente falsos. Eu nunca tive a menor prova das evidências que você tenta provar contra M. Bakunin. Não esteve, portanto, nunca autorizada expressar a menor dúvida sobre a lealdade de seu caráter e da sinceridade de seus pontos de vista. Faço um apelo à sua honra e consciência para a inserção desta carta no seu jornal”. Marx inseriu a carta e deu ao mesmo tempo, a seguinte explicação sobre a publicidade que tinha acordado para caluniar seu correspondente em Paris: “Cumprimos o dever da imprensa de exercer sobre os homens públicos a vigilância rigorosa e temos dado ao mesmo tempo, portanto, a M. Bakunin uma oportunidade para dissipar a suspeita de que ele realmente tinha sido verdadeiramente emitida em certos círculos, em Paris”. É inútil insistir nesta singular teoria, segundo a qual os meios de comunicação teria o dever de acomodar a calúnia e publicá-la, sem se preocupar em corroborar com os fatos.

No mês seguinte, Bakunin encontrou Marx em Berlim e teve lugar a uma aparente reconciliação. Bakunin escreveu com este motivo em 1871 (manuscrito francês): “Os amigos comuns nos obrigaram a nos abraçar. E então, em meio a uma conversação meio séria, meio de brincadeira, Marx disse: Você sabe que eu estou à frente de uma sociedade secreta comunista bem disciplinada que se eu disser a um dos seus membros: Vai matar Bakunin, te matariam? Depois desta conversa não nos vimos até 1864”.

A ameaça que Marx havia feito entre risos contra Bakunin em 1848 teria uma tentativa de concretização 24 anos depois: quando a oposição do anarquista revolucionário na Internacional tornou-se irritante para o domínio pessoal que Marx pretendia exercer, ele tentou se livrar dele por um verdadeiro assassinato moral.

Expulso da Prússia e Saxônia, Bakunin passou o resto de 1848, no principado de Anhalt. Ali publicou em alemão seu panfleto *Aufruf an die Slaven, von sinemrussischen Patrioten, Michael Bakunin. Mitgles des Slavencongresses*.

Nele ele desenvolve este programa: União dos revolucionários eslavos com os revolucionários de outras nações - húngaros, alemães, italianos - para a destruição das três monarquias opressoras: Império Russo, Império Húngaro, Reino da Prússia; então, federação livre dos povos eslavos emancipados. Marx acreditava que seu dever era o de combater essas ideias; escreveu *Neue Rheinische Zeitung*, em (14 de Fevereiro de 1849): “Bakunin é nosso amigo; isso não nos impede de criticar seu panfleto”.

E assim formulou sua opinião: “Além dos poloneses, russos e, talvez, os eslavos da Turquia, nenhum povo eslavo tem um futuro, pela simples razão de que faltam a todos os outros eslavos as condições históricas, geográficas, políticas e industriais de independência e vitalidade”. Com relação à diferença entre as ideias de Marx e sua na questão eslava, Bakunin escreveu (1871, manuscrito francês): “Em 1848, nos encontramos diante de nossas opiniões, e devo dizer que a razão estava mais do seu lado que do meu... Levado pela embriaguez do movimento revolucionário, eu estava mais interessado no aspecto negativo do que o aspecto positivo da

revolução. Sem dúvidas, houve um ponto em que eu estava certo. Como eslavo, eu queria que a emancipação da raça eslava do jugo dos alemães e, como um patriota alemão, Marx não admitiria, então, como ele ainda não admite hoje, o direito dos eslavos para emancipar-se do jugo do pensamento alemão, pensando hoje como então os alemães são chamados a civilizá-los, ou seja, a germanizá-los por bem ou por mal”.

Em janeiro de 1849, Bakunin foi secretamente para Leipzig. Lá, um grupo de jovens tchecos em Praga, se dedicou à preparação de uma revolta na Boêmia. Apesar do avanço da reação na Alemanha e na França, ainda poderia se esperar muito, pois em mais de uma parte da Europa a Revolução ainda não tinha sido esmagada. Pio IX, expulso de Roma, havia deixado o posto para a República Romana, liderada pelo triunvirato de Mazzini, Saffi e Armeilini com Garibaldi como general. Veneza - novamente livre - sustentava contra os austríacos um sítio heroico; os húngaros, rebelados contra a Áustria e liderados por Kossuth, proclamavam o declínio da Casa de Habsburgo. Por esse tempo estourou em Dresden (3 de maio de 1849) um levante popular causado pela recusa do rei da Saxônia a aceitar a constituição do Império Alemão, votada pelo Parlamento de Frankfurt. O rei fugiu no dia 4; foi instalado um governo provisório (Heubner, Tzschirner e Todt) e os insurgentes permaneceram donos da cidade por cinco dias. Bakunin, que tinha saído de Leipzig para Dresden em meados de abril, se tornou um dos líderes rebeldes e ajudou a tomar as medidas mais enérgicas para defender as barricadas contra as tropas prussianas. O comandante militar foi primeiramente o tenente-coronel Heinze; mais tarde, a partir de 08 de maio, o jovem tipógrafo Stephan Born, que tinha organizado no ano anterior a primeira associação geral dos trabalhadores alemães, a *Arbeiter-Verbrüderung*. A estatura gigantesca Bakunin e seu status de revolucionário russo atraíram particularmente a atenção sobre ele; uma lenda logo foi formada em torno de sua pessoa; se atribuía a ele sozinho os incêndios provocados pela defesa. Era - se escreveu -, “a verdadeira alma de toda a revolução”; “Exerceu um terrorismo que difundiu o espanto”; sempre agiu engenhosamente: Aconselhou, para evitar que os prussianos atirassem nas barricadas, que colocassem obras-primas da galeria de arte.

No dia 9 os insurgentes, recuando diante da superioridade das forças inimigas, fez o seu retiro em Freiberg. Ali Bakunin tentou em vão convencer Born para que se passasse, com os combatentes que permaneceram, o território da Boêmia para provocar um novo levante essa área. Born se recusou e desfez suas tropas. Então, vendo que não havia nada a fazer, Heubner, Bakunin e o músico Richard Wagner foram para Chemnitz. Durante a noite de 9 ao 10 de maio, os burgueses armados prenderam Heubner e Bakunin e os entregaram aos prussianos; Wagner, que se refugiara na casa de sua irmã, escapou.

A conduta de Bakunin em Dresden era de um combatente determinado e um líder previdente. Em uma de suas cartas ao *New York Daily Tribune* (número de 2 de Outubro de 1852) *On Revolution and Contrerevolution in Germany* - Marx, apesar de sua hostilidade, reconheceu o serviço prestado por Bakunin à causa revolucionária. Ele escreveu: “Em Dresden a luta continuou por quatro dias nas ruas da cidade. Os lojistas de Dresden, a guarda comunal, não só combateu, mas em vários casos, favore-

ceu a ação das tropas contra os insurgentes. Estas foram compostas quase que exclusivamente de trabalhadores dos distritos manufatureiros circundantes. Eles encontraram um líder capaz e de sangue frio no refugiado russo Mikhail Bakunin”.

Levado à fortaleza de Knigstein (Saxônia), Bakunin, depois de longos meses de prisão, foi condenado à morte em 14 de Janeiro de 1850; em Junho, a pena foi comutada para prisão perpétua e, simultaneamente, foi entregue ao governo austríaco, que o reclamava. Ali esteve primeiro detido em Praga e logo (Março de 1851), na cidadela de Olmutz, onde em 15 de Maio do mesmo ano, ele foi condenado à forca; mas novamente se comutou em prisão perpétua. Nas prisões austríacas, Bakunin foi tratado com dureza: Tinha grilhões nos pés e mãos, e em Olmutz, foi acorrentado pela cintura.

A Áustria o entregou ao governo russo, pouco depois de sua condenação. Na Rússia, foi preso na fortaleza de Pedro e Paulo. No início de seu cativeiro, através do Conde Orlov, o Czar pediu uma confissão por escrito. Bakunin, pensando “que se encontrava em poder de um urso” e que, para os outros “sendo todos os seus atos conhecidos, não tinha segredos para revelar” (carta a Herzen, 08 de dezembro de 1860, Irkutsk), decidiu escrever. Em sua carta, disse o Czar, “você me deseja a minha confissão, mas você não deve ignorar o penitente não é obrigado a confessar os pecados alheios. Eu não tenho nada além de honra e consciência de não trair qualquer um que queria confiar em mim, e é por isso que eu não vou lhe dar nomes”. Quando Nicolas tinha a carta de Bakunin - conta Herzen, (Obras Póstumas) - disse: “É um bom menino, cheio de espírito, mas é um homem perigoso; é preciso guardá-lo bem sob cercos”.

Ao começar a Guerra da Criméia, temendo que a Fortaleza de Pedro e Paulo fosse bombardeada ou tomada pelos ingleses, o prisioneiro foi transferido para Schlusselfurg (1854). Lá ele ficou doente com escorbuto e, por isso, perdeu todos os dentes. Aqui está o que o autor desta nota escreveu - no dia após a morte de Bakunin e de acordo com os relatos recolhidos dos lábios deste - sobre o último período de seu cativeiro: “O regime atroz da prisão tinha quebrado completamente seu estômago; ao final, ele nos disse, havia tomado asco a todos os alimentos, e se alimentava de repolho azedo picado (*chitchi*). Mas se o corpo estava debilitado, o espírito manteve-se inflexível. Temia acima de tudo uma coisa: encontrar-se um dia, pela ação debilitante da prisão, em estado de prostração espiritual do qual Silvio Pellico oferece um exemplo tão conhecido. Temia cessar de odiar, de sentir em seu coração o sentimento de rebeldia que o sustentava e de chegar a perdoar seus carrascos e se resignar a própria sorte. Mas esse temor era supérfluo; sua energia não o abandonou um só dia e saiu da prisão tal como havia entrado. Contou-nos também que para se distrair nos longos períodos de tédio de sua solidão tinha o prazer de repassar mentalmente a lenda de Prometeu, o titã bem feitor dos homens, preso por ordem do Czar do Olimpo a uma rocha no Cáucaso; pensava dramatizá-la e nós retemos a melodia suave, melancólica, composta por ele, de memória, das ninfas do oceano que estavam a levar seus consolos para a vítima da vingança de Júpiter”. (Boletim da *Federation l'Jurassienne de l'International*, suplemento ao número de 09 de julho de 1870).

Com a morte de Nicolas esperava-se que a mudança de governo poderia trazer algum alívio para a situação do indomável revolucionário, mas foi o próprio Alexander II, que apagou com sua mão o nome de Bakunin da lista de anistiados. A mãe do preso apareceu um mês depois ao novo czar para lhe suplicar que concedesse a liberdade para seu filho, mas o autocrata respondeu: “Saiba você, minha senhora, que enquanto seu filho viver não poderá ser libertado”. O cativo de Bakunin durou dois anos após a morte de Nicolas, pois Alexander permanecia surdo a todas as solicitações que lhes foram enviadas. Um dia, o Czar, tendo em mãos a carta que Mikhail Bakunin havia escrito em 1851 para Nicolas, foi para o príncipe Goncharov dizendo-lhe: “Mas eu não vejo o menor arrependimento nesta carta!”. Finalmente, em 1857, Alexander se abrandou e concordou em trocar a sentença de prisão perpétua para o exílio na Sibéria.

Bakunin foi mandado para Tomsk. Casou-se no final de 1858, com uma jovem polonesa, Antonia Kwiatkowska, e pouco tempo depois, com a intervenção de um parente do lado materno, Muraviev Amursky, o governador da Sibéria Oriental, ele pode ir morar em Irkutsk (Março de 1859), onde começou a trabalhar na companhia de Amour e mais tarde em uma empresa de mineração. Esperava obter em breve sua liberdade e retornar para a Rússia, mas Muraviev tinha sido forçado a deixar o cargo, tendo em vista a oposição que lhe fazia a burocracia e Bakunin percebeu então que não tinha outra escolha, a não ser a evasão. Deixando de Irkutsk (5/17 Julho 1861), sob o pretexto de uma viagem de negócios e estudos, autorizado pelo governo como representante de um comerciante chamado Sabachniokov, chegou a Nicolaievsk (Julho) e ali embarcou em uma unidade do Estado, o Strelak, indo para De-Kastri, localizado mais ao Sul. Depois conseguiu passar sem levantar suspeitas de um navio mercante, o Vikera, que o levou para o Japão, Hakodadi; de lá ele foi para Yokohama, em seguida, para San Francisco (Outubro) e Nova York (Novembro) e em 27 de dezembro de 1861 chegou a Londres, onde foi recebido por Herzen e Ogarev.

Podem-se resumir rapidamente os primeiros seis anos do segundo refúgio de Bakunin no Ocidente.

Logo ele percebeu que, apesar da amizade pessoal que ele tinha com Herzen e Ogarev, não poderia ser associado à ação política que o *Kolokol* era o órgão. Ele apresentou suas ideias no ano de 1861 em dois panfletos russos: “*Aos amigos russos, polacos e os amigos eslavos*” e “*A causa do Povo, Romanov, Pugatchev e Pestel?*”. Quando eclodiu em 1863 a insurreição polaca, Bakunin tratou de unir-se a ela, mas a organização de uma legião russa fracassou; a expedição de Lapinski não pode chegar a um resultado e Bakunin, que havia ido à Estocolmo - onde se encontrou com sua mulher - com a esperança de obter uma intervenção sueca, teve que voltar para Londres (Outubro), sem alcançar o seu objetivo. Ele então foi para a Itália, onde, em meados de 1864, outra viagem para a Suécia; volta para Londres, onde ele viu novamente Marx, e por Paris, viu novamente Proudhon. Como consequência da guerra de 1859 e da expedição heroica de Garibaldi em 1860, a Itália acabava de nascer para uma nova vida; Bakunin permaneceu nesse país até o outono de 1867, estabelecendo-se primeiro em Florença e, em seguida, em Nápoles e seus arredores. Ele

concebeu o plano de uma organização revolucionária secreta com vista à propagação e, eventualmente, uma ação decisiva. Desde 1864 conseguiu reunir um número de italianos, franceses, escandinavos e eslavos nesta sociedade secreta, que se chamou *Fraternidade Internacional* ou *Aliança dos Socialistas Revolucionários*. Na Itália, Bakunin e seus amigos se aplicaram, sobretudo, a lutar contra os mazzinianos, republicanos autoritários e religiosos, que tinham por divisa “*Deus e Povo*”; em Nápoles fundou um periódico, *Libertà e Giustizia*, onde Bakunin desenvolveu seu programa. Em Julho 1866 participavam Herzen e Ogarev da sociedade secreta, a que consagrava por dois anos toda sua atividade, e os comunicava o programa, o qual seus antigos amigos, segundo ele mesmo, se escandalizaram muito. Nesse momento, a organização - segundo o testemunho de Bakunin - tinha adeptos na Suécia, Noruega, Dinamarca, Inglaterra, Bélgica, França, Espanha e Itália, e também incluiu poloneses e russos entre os seus membros.

Em 1867, os democratas burgueses de diferentes nações, principalmente os franceses e os alemães, fundaram a “*Liga da Paz e da Liberdade*” e convocaram um congresso em Genebra, que teve muita repercussão. Bakunin ainda tinha algumas ilusões sobre os democratas; Foi neste congresso que ele fez um discurso, se tornou um membro do Comitê Central da Liga, estabeleceu sua resistência na Suíça, perto de Vevey, e durante o ano que se seguiu, se esforçou para inclinar seus colegas de comissão ao socialismo revolucionário. No segundo congresso da Liga - em Berna (setembro de 1868) - fez, com alguns de seus amigos, membros da organização secreta em 1864 (Eliséé Reclus, Aristides Reiy, Charles Keller, Victor Jaclard, Giuseppe Fanelli, Saverio Friscia, Nicholas Jukovsky, Valeriano Mroczkowsky e outros), uma tentativa para que a Liga votasse resoluções francamente revolucionárias. Depois de vários dias de debate, os socialistas revolucionários, estando em minoria, declararam que rompiam com a Liga (25 de Setembro 1868) e fundaram no mesmo dia, sob o nome de *Aliança Internacional da Democracia Socialista*, uma nova associação, tendo o programa feito por Bakunin. Este programa, que resumia os pontos de vista que seu autor havia alcançado no decurso de uma longa evolução que começou na Alemanha em 1842, dizia entre outras coisas:

“A Aliança se declara ateuista; quer a abolição definitiva e completa de classes e a igualdade política, econômica e social dos indivíduos de ambos os sexos; quer a terra, os instrumentos de trabalho, como todo outro capital, tornando-a propriedade coletiva de toda a sociedade, não podem ser usadas senão pelos trabalhadores, ou seja, pelas associações agrícolas e industriais. Reconhece que todos os estados políticos e autoritários existentes, reduzindo-se mais e mais a simples funções administrativas dos serviços públicos em seus respectivos países, deverão desaparecer na união universal das livres associações, tanto agrícolas como industriais”.

Ao constituir-se, a Aliança Internacional da Democracia Socialista declarou que desejava ingressar na Associação Internacional dos Trabalhadores, da qual aceitava os estatutos gerais.

Em 1 de Setembro de 1868, tinha aparecido em Genebra a primeira edição de um jornal russo, *Naranoie Dielo*, escrito por Mikhail Bakunin e Nicolas Jukovsky, que continha um editorial intitulado “*Programa da Democracia Socialista Russa*”, idênti-

co ao programa que adotou poucos dias após a Aliança Internacional da Democracia Socialista. Mas desde seu segundo número o jornal mudou de redação e passou para as mãos de Nicholas Utin, que deu uma orientação completamente diferente.

A Associação Internacional dos Trabalhadores havia sido fundada em Londres, em 23 de Setembro de 1864, mas sua organização definitiva e a adoção de seus estatutos não datavam mais que do seu primeiro congresso, celebrado em Genebra de 3 a 8 de Setembro de 1866.

Em sua passagem por Londres, em Outubro de 1864, Bakunin, que não tinha visto um Marx desde 1848, recebeu sua visita. Marx acabava de se explicar sobre a calúnia provocada em 1848 pela *Neue Rheinische Zeitung* e que os jornalistas alemães tinham voltado a circular em 1853. Mazzini e Herzen tinham defendido o caluniado, preso em uma fortaleza da Rússia; Marx, naquela ocasião, no jornal britânico *Morning Advertiser*, havia afirmado mais uma vez que Bakunin era seu amigo e, em 1864, reiterou. Como resultado dessa conversa, Marx comprometeu a Bakunin para se juntar a Internacional, mas este, de volta à Itália, preferiu dedicar-se à organização secreta de que falei anteriormente. A Internacional em seu início estava representada, fora do Conselho Geral em Londres, mais que por um grupo de trabalhadores mutualistas de Paris, e não era possível prever a importância que mais tarde ela teria. Foi só depois de seu Segundo Congresso de Lausanne (Setembro de 1867), depois dos dois processos de Paris e a Grande Greve de Genebra (1868) que a atenção se dirigiu a ela, convertida em uma potência que já não se podia ignorar por sua influência e ação revolucionária. Em seu terceiro Congresso em Bruxelas (Setembro de 1868) foram expostas ideias coletivistas em oposição ao cooperativismo. Em Julho de 1868, Bakunin foi admitido como membro da seção de Genebra, e desde a sua saída da Liga da Paz - no Congresso Berna - mudou-se para Genebra, para juntar-se ativamente no movimento operário desta cidade.

Imediatamente deu um grande impulso para a organização e propaganda. Uma viagem para a Espanha, do socialista italiano Fanelli, resultou na fundação das Seções Internacionais de Madri e Barcelona. As Seções da Suíça francesa se uniram em uma só Federação, que tomou o nome de *Federação da Romanha* e tinha por órgão o jornal *L'Egalité*, criado em Janeiro de 1869. Empreendeu uma luta tenaz contra os falsos socialistas que no Jura suíço dificultavam o movimento e conseguiu a adesão da maioria dos trabalhadores jurassianos ao socialismo revolucionário. Em várias ocasiões Bakunin foi ao Jura para ajudar com sua palavra a destruir o que chamava de “a reação mascarada de cooperação”; essa foi a origem da amizade que fez com os militantes na região.

Em Genebra, um conflito entre os trabalhadores da construção civil - socialistas revolucionários por instinto - e os trabalhadores relojoeiros e joalheiros - chamados a “fábrica” - que queriam participar nas lutas eleitorais e aliar-se aos políticos radicais, terminou pela influencia de Bakunin - que fez no *L'Egalité* uma campanha enérgica e apresentou em uma série de artigos notáveis o programa “político da Internacional” - com a vitória, infelizmente momentânea, do setor revolucionário. As seções da Internacional na França, Bélgica e Espanha, marchavam de acordo com as

da Suíça francesa e se podia prever que no próximo congresso geral da Associação o coletivismo reuniria a maioria dos votos.

O Conselho Geral de Londres não queria admitir a Aliança Internacional da Democracia Socialista como um ramo do Internacional porque a nova associação constituía um segundo corpo internacional e porque se presumia que sua presença na Internacional seria causa de desordem. Um dos motivos que levaram a esta decisão foi a malevolência de Marx contra Bakunin, em quem o ilustre comunista alemão acreditava ver um “fazedor de intrigas” que queria “perturbar a Internacional e transformá-la em seu instrumento”. Mas, independentemente dos sentimentos pessoais de Marx, era razoável pensar que a criação de uma segunda organização, paralela à Internacional, era uma ideia pouco feliz, e assim disseram para Bakunin seus amigos belgas e jurassianos. Ele se rendeu a estas razões e reconheceu a justiça da decisão do Conselho Geral. Consequentemente, o escritório central da Aliança, após consultar os associados desta organização, resolveu - de acordo com eles - a solução. O grupo local, que havia sido formado em Genebra, foi transformado em uma simples seção da Internacional e foi então admitido como tal pelo Conselho Geral (Julho de 1869).

No quarto Congresso Geral em Bale (06 a 12 de Setembro de 1869), a quase unanimidade dos delegados da Internacional se pronunciou pela propriedade coletiva, mas se pode constatar que havia entre eles duas correntes distintas: Uns - alemães, suíços alemães, ingleses - eram comunistas de Estado; outros - belgas, franceses, suíços franceses, espanhóis - eram comunistas antiautoritários, ou federalistas, ou anarquistas, que tomaram o nome de coletivistas. Bakunin pertencia, naturalmente, a esta segunda fração, na que se contavam, entre outros, o belga De Paepe e o parisiense Varlin. A organização secreta fundada em 1864 foi dissolvida em Janeiro de 1869, como resultado de uma crise interna, mas muitos de seus membros seguiam relacionados entre si e a esse pequeno grupo, tinham sido incluídos novos elementos suíços, espanhóis, franceses, como o próprio Varlin. Supunha-se que este livre contato entre os que se uniam para a ação coletiva em uma fraternidade revolucionária daria mais força e coesão ao grande movimento do que era expressão a Internacional.

No verão de 1869 um amigo de Marx, Borkbein, reproduziu no *Zukunftde Berlin* a velha calúnia que Bakunin era um “agente do governo russo” e Liebknecht repetiu essa afirmação em várias circunstâncias. Encontrando-se este na Basileia na ocasião do Congresso, Bakunin convidou-o a explicar-se a um júri de honra. Lá, o socialista saxão disse que nunca tinha acusado Bakunin, e que só tinha apenas se limitado a repetir versões lidas em jornais. Por unanimidade, o júri considerou que Liebknecht tinha agido com mentiras culpáveis e enviou a Bakunin uma declaração por escrito assinada por todos os membros. Liebknecht, reconhecendo que ele tinha cometido um erro, estendeu a mão para Bakunin e este, na frente de todos, queimou a declaração do júri e acendeu um cigarro com ela.

Após o Congresso de Basileia, Bakunin se retirou para Locarno (Tessin). Esta decisão foi tomada por razões puramente privadas: A necessidade de se estabelecer em um lugar onde ele era capaz de viver com poucos recursos e que também

podia entregar-se com tranquilidade aos trabalhos de tradução encomendados por um editor de Petersburgo (se tratava, principalmente, de uma tradução o primeiro volume d'*O Capital*, de Marx, aparecido em 1867). Mas ao sair de Genebra, Bakunin deixou, infelizmente, o campo aberto para os políticos fazedores de intrigas, os quais, associando-se às manobras de um imigrante russo, Nicolas Utin - muito conhecido pelo triste papel que desempenhou na Internacional, caso haja alguma necessidade de caracteriza-lo aqui -, conseguiram em alguns meses desorganizar a Internacional de Genebra, ocupara seus postos diretivos e apoderar-se do periódico *L'Egalité*. Marx, que se cegava de rancores e ciúmes contra Bakunin, não teve vergonha de se rebaixar para fazer uma aliança com Utin e a panelinha política pseudo-socialistas de Genebra, os homens do “Templo Único”, enquanto que por uma “comunicação confidencial” (28 de Março de 1870), enviada para seus amigos na Alemanha, tratava de denegrir Bakunin ante os democratas socialistas alemães, representando-o como um agente do partido Pan-eslavo, do qual - afirmava Marx - recebia vinte e cinco mil francos por ano.

As intrigas de Utin e de seus associados de Genebra conseguiram provocar uma cisão na Federação da Romanha: Esta se dividiu (Abril de 1870) em duas frações, das quais uma - de acordo com as Internacionais da França, Bélgica e Espanha - se pronunciou pela política revolucionária, declarando que “toda participação da classe trabalhadora na política burguesa governamental não poderia ter outros resultados que a perpetuação das coisas existentes”. A outra fração, em contrapartida, professava “a intervenção política e as candidaturas operárias”. O Conselho Geral de Londres, assim como os alemães e os suíços alemães tomaram partido pela segunda destas frações (fração de Utin e do Templo Único), enquanto que os franceses, os belgas e os espanhóis tomavam partido pela primeira (fração do Jura).

Bakunin estava nesse momento absorvido por assuntos russos. Na primavera de 1869 já tinha entrado em contato com Netchaiev; acreditava então na possibilidade de organizar na Rússia uma grande sublevação dos camponeses, como nos tempos de Stenka Ratkin: Pois o aniversário, logo depois de dois séculos, o ano da Grande Revolta (1869), parecia uma coincidência quase profética. Foi quando ele escreveu em russo o manifesto intitulado “*Algumas palavras aos jovens irmãos da Rússia*”, e o folheto “*A ciência e a causa revolucionária atual*”. Netchaiev havia retornado para a Rússia, mas teve que fugir novamente após a prisão de quase todos os seus amigos e a destruição de sua organização.

Ele voltou para a Suíça, em Janeiro 1870.

Exigiu que Bakunin abandonasse a tradução d'*O Capital* para se consagrar unicamente à propaganda revolucionária russa; obteve de Ogarev - para o comitê russo de dizia representar - a entrega que constituía o “fundo Bakhmetiev”. Uma parte desse dinheiro havia sido confiada a Herzen no ano precedente. Bakunin escreveu o folheto em russo “*Aos oficiais do exército russo*”, e em francês, “*O urso de Berna e o urso de São Petersburgo*”. Fez aparecer também alguns números de uma nova série do *Kolokol* e realizou por muitos meses uma grande atividade, mas acabou por compreender que Netchaiev só buscava servir-se dele como de um simples instrumento e que havia recorrido a procedimentos jesuíticos para conseguir uma verdadeira di-

tadura pessoal. Depois de uma explicação decisiva que ocorreu em Genebra em Julho de 1870, rompeu completamente com o jovem revolucionário. Foi vítima de sua excessiva confiança e da admiração que lhe havia inspirado a energia selvagem de Netchaiev. “Não é preciso dizer - escreveu Bakunin a Ogarev depois da ruptura - que nós tenhamos desempenhado papéis de idiotas. Como se enganaria Herzen com ambos, se vivesse, e com quanta razão! Bem, não há mais remédio que engolir esta amarga pílula, e que nos fará mais cuidadosos a partir de agora”. (02 de Agosto de 1870).

Naquela época, a guerra eclodiu entre a Alemanha e a França, e Bakunin seguiu suas aventuras com um interesse apaixonado, “Tu não és nada mais que russo - escrevia em 11 de Agosto a Ogarev -, enquanto que eu sou internacional”. Aos seus olhos, a derrota da França pela Alemanha feudal e militar significaria o triunfo da contrarrevolução e esta não poderia ser evitada senão conclamando o povo francês a levantarem-se em massa, para expulsar ao mesmo tempo o invasor estrangeiro e os tiranos internos que os tinham sob a servidão política e econômica. Escreveu aos seus amigos socialistas de Lyon:

“O movimento patriótico de 1792 não é nada se comparado com o que devem fazer agora, se quiserem salvar a França. Por isso, levantem-se, amigos, cantando *La Marseillaise*, que se torna novamente hoje outra vez na canção legítima da França, palpitante na atualidade, o canto da liberdade, o canto do povo, o canto da humanidade, pois a causa da França se converteu outra vez na causa da humanidade trabalhando como patriotas salvaremos em liberdade universal. Ah se fosse jovem, não escreveria cartas, estaria com vocês!”.

Um correspondente da *Volksstaat* (o jornal de Liebknecht) escreveu que os operários de Paris eram “indiferentes à guerra atual”. Bakunin se indignou de que poderia suporem-lhes uma empatia quase criminosa e então escreveu para demonstrar-lhes que não poderiam ficar indiferentes à invasão alemã, que deviam defender sua liberdade contra as tropas armadas do despotismo prussiano. “Ah! - Exclama -, se a França fosse invadida por um exército de operários alemães, ingleses, belgas, espanhóis, italianos, levantando no alto a bandeira do socialismo revolucionário e anunciando ao mundo a emancipação final dos trabalhadores, eu seria o primeiro a gritar aos trabalhadores franceses: ‘abram os braços, são vossos irmãos, unam-se à eles para varrer os restos pútridos do mundo burguês!’. Mas a invasão que se desenhava na França era uma invasão aristocrática, monárquica e militar... Permanecendo passivos ante essa invasão, os trabalhadores franceses não trairiam somente sua própria liberdade, trairiam também a causa do proletariado do mundo inteiro, a causa sacra do Socialismo Revolucionário”.

As ideias de Bakunin sobre a situação e sobre os meios necessários para salvar a França e a causa da liberdade foram expostos por ele em uma pequena brochura, que apareceu anonimamente em setembro, sob o título de “*Cartas de um francês sobre a crise atual*”.

Em 9 de Setembro, deixou Locarno para ir para Lyon, onde chegou dia 15. Um “Comitê de salvação da França”, do qual Bakunin foi o membro mais ativo e

mais ousado, foi organizado por esses dias para tentar um levante revolucionário. O programa deste movimento foi publicado em 26 de Setembro em um cartaz vermelho com as assinaturas de delegados de Lyon, Saint Etienne, Tarare, Marseille; Bakunin, mesmo estrangeiro, não hesitou em adicionar a sua assinatura nele, para compartilhar os riscos e responsabilidades. O cartaz, depois de afirmar que “a máquina do governo do Estado, reduzida à impotência, era abolida”, e que “o povo da França entrava em plena posse de si mesmo”, propôs a formação, em todas as comunas federadas, de comitês de salvação da França e o enviou de imediato à Lyon dois delegados desse comitê “para formar a convenção revolucionária da salvação da França”. Um movimento popular começou em 28 de Setembro aos revolucionários em posse da cidade de Lyon, mas a traição do general Cluzeret e a covardia de alguns em quem o povo tinha colocado a sua confiança, frustraram a tentativa. Bakunin - contra quem o procurador da República, Andrieux, tinha lançado uma ordem de prisão - conseguiu fugir para Marselha, onde manteve um tempo escondido, tentando preparar um novo movimento. Durante este período, as autoridades francesas espalharam o boato de que ele era um agente pago da Prússia e que o Governo da Defesa Nacional tinha provas. Por outro lado, o *Volksstaat*, de Liebknecht, imprimiu estas linhas sobre o movimento de 28 de Setembro e o programa do cartaz vermelho: “Não se poderia ter feito melhor na oficina de imprensa de Berlim para servir os desígnios de Bismark”.

Em 24 de Outubro, desanimado com a atitude da França, Bakunin deixou Marselha a bordo de um navio cujo capitão era um amigo de seus companheiros; pensava em voltar para Locarno por Gênova e Milão. Na véspera escrevia a um socialista espanhol, Sentiñon, que havia ido à França com a esperança de se unir ao movimento revolucionário: “O povo francês não é mais revolucionário. O militarismo e o burocratismo, a arrogância aristocrática e o jesuitismo protestante dos prussianos, ternamente aliados ao Knut do meu querido e soberano amo, o imperador de todas as Rússias, vão triunfar na Europa. Deus sabe durante quantas dezenas de anos. Adeus todos os nossos sonhos de emancipação imediata!”. O movimento que eclodiu em Marselha em 31 de outubro, sete dias após a sua partida, não fez mais que confirmar seu juízo pessimista: A comuna revolucionária, que se instalou na prefeitura com a notícia da capitulação da Bazaine, não se manteve mais que cinco dias e abdicou em 4 de Novembro ante o comissário Alfonso Gent, enviado por Gambetta.

De volta a Locarno, onde passou o inverno na solidão, lutando contra a penúria e a miséria, Bakunin escreveu como continuação as Cartas a um francês uma exposição da nova situação da Europa, que apareceu pela primeira vez em 1871 com o título de “*O Império Knuto-Germânico e a Revolução Social*”. A notícia da insurreição parisiense de 8 de Março veio a encerrar parcialmente seus sombrios prognósticos, demonstrando que o proletariado parisiense havia conservado, ao menos, sua energia e seu espírito de rebeldia. Mas o heroísmo do povo de Paris era impotente para despertar toda a França, exausta e vencida; as tentativas feitas em várias províncias para generalizar o movimento comunalista falharam; os valorosos insurrectos parisienses acabaram esmagados pela superioridade numérica do inimigo, e Bakunin - que tinha ido (27 de abril) com os seus amigos no Jura para estar mais perto da fronteira

francesa - teve de voltar à Locarno, sem ter sido capaz de agir (1º de Junho). Mas desta vez não se deixou tomar pelo desânimo. A Comuna de Paris, objeto do ódio furioso de todas as reações coligadas, havia acendido uma faísca de esperança no coração de todos os explorados. O proletariado Universal saudava o heroico povo, cujo sangue acabava de correr torrencialmente pela emancipação humana, “ao Satan moderno, ao grande rebelde vencido, mas não pacificado”, segundo a expressão de Bakunin. O patriota italiano Mazzini havia unido sua voz aos que maldiziam Paris e a Internacional; Bakunin escreveu a “*Resposta de um Internacional à Mazzini*”, que surgiu em italiano e em francês (Agosto de 1871). Este escrito teve uma imensa repercussão na Itália e produziu na juventude e nos trabalhadores desse país um movimento de opinião que deu origem, antes do fim de 1871, a numerosas seções da Internacional. Um segundo folheto, “*A teologia política de Mazzini e a Internacional*”, acabou a obra iniciada, e Bakunin, que - pelo envio de Fanelli à Espanha - foi o criador da Internacional Espanhola, foi - por sua polêmica contra Mazzini em 1871 - o criador dessa Internacional Italiana que ia se lançar com tanto ardor à luta, não somente contra a dominação da burguesia sobre o proletariado assim como contra as tentativas de quem quer que seja, nesse momento, instaurar o princípio de autoridade no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores.

A divisão na Federação da Romanha - que poderia terminar com uma reconciliação, se o conselho geral de Londres o quisesse e se seu agente, Utin, fosse menos pérfido - havia se agravado e já era inevitável. Em agosto de 1870, Bakunin e três de seus amigos foram expulsos da Seção de Genebra por manifestar simpatia aos jurassianos. Pouco depois do fim da guerra de 1870-1871, os agentes de Marx foram à Genebra para reavivar as discórdias. Os membros da seção da Aliança acreditavam dar uma prova de suas intenções pacíficas resolvendo a dissolução da seção, mas o partido de Marx e de Utin não cessou. Uma nova seção - chamada de propaganda e de ação revolucionária socialista -, constituída em Genebra pelos refugiados da Comuna e na qual haviam ingressado os antigos membros da seção da Aliança, viu rechaçada sua admissão pelo Conselho Geral. No lugar de um congresso geral da Internacional, o Conselho Geral - dirigido por Marx e Engels - convocou em Londres, em Setembro de 1871, uma conferência secreta, composta quase exclusivamente por gente da confiança de Marx, e na qual se tomaram decisões que destruíram a autonomia das Federações e Seções da Internacional, concedendo ao conselho geral uma autoridade contrária à estabelecida pelos estatutos gerais da Associação. A Conferência pretendeu ao mesmo tempo organizar, sob a direção desse conselho, o que foi chamado de “ação política da classe trabalhadora”.

Havia urgência por não deixar absorver a Internacional - vasta federação de agrupações organizadas para lutar no terreno econômico contra a exploração capitalista - por uma pequena parcela de sectários marxistas e blanquistas. As seções do Jura, unidas à seção de propaganda de Genebra, se constituíram em 12 de Novembro de 1871 em Federação Jurassiana e dirigiram a todas as federações da Internacional uma circular convidando-as a lutar para rechaçar as usurpações do Conselho Geral e para reivindicar energicamente sua autonomia. “A sociedade futura - dizia a circular - não deve ser outra coisa senão a universalização da organização que a Internacional tem dado. Devemos nos preocupar por aproximar o mais perto possível

esta organização e nosso ideal. Como se espera que uma sociedade igualitária e livre surja de uma organização autoritária? É impossível. A Internacional, embrião da futura sociedade humana, deve ser desde agora a imagem fiel de nossos princípios de liberdade e de federação, e deve afastar de seu seio todo princípio que tenda a autoridade e a ditadura”.

Bakunin acolheu com entusiasmo a circular de Sonvillier e se dedicou ativamente a propagar esses princípios nas seções italianas. Espanha, Bélgica, a maior parte das seções reorganizadas da França (apesar da reação de Versalhes) sob a forma de grupos secretos, a maioria das seções dos Estados Unidos, se pronunciaram no mesmo sentido que a Federação Jurassiana, e se pode assegurar que a tentativa de Marx e de seus aliados para estabelecer seu domínio na Internacional de pronto seria combatida. Na primeira metade do ano de 1872 foi marcada por uma circular confidencial do Conselho Geral, obra de Marx, impressa como folheto intitulada “*As pretensas cisões da Internacional*”. Nela eram atacados e difamados os principais militantes do partido autonomista ou federalista, assim como todos os protestos que se ergueram contra certas ações do conselho geral, que apareciam como resultado de uma intriga tramada por membros da antiga Aliança Internacional da Democracia Socialista que, sob a direção do “Papa de Locarno”, trabalhavam na destruição da Internacional. Bakunin classificou esta circular como merecia, escrevendo aos seus amigos: “A espada de Democles que nos ameaçou por tanto tempo acaba de cair, enfim, sobre nossas cabeças. Não é propriamente uma espada, mas a arma habitual do senhor Marx: Um monte de lixo”.

Bakunin passou o verão e o outono de 1872 em Zurique, onde fundou (em Agosto) por sua iniciativa uma Seção Eslava - formada quase inteiramente de estudantes sérvios e russos - que aderiu a Federação Jurassiana da Internacional. No mês de Abril, em Locarno, havia se relacionado com alguns jovens russos que residiam na Suíça e os havia organizado em um grupo secreto, de ação e propaganda. Entre os membros desse grupo, o militante mais ativo foi Armand Ross (Mikhail Sazhin) quem, intimamente ligado a Bakunin desde o verão de 1870, foi até a primavera de 1876 o principal intermediário entre o grande agitador revolucionário e a juventude russa. É possível afirmar que a propaganda feita nesse período por Bakunin se deveu ao impulso dos anos seguintes, pois foi ele quem lançou a ideia de que a juventude devia ir ao povo. Sazhin criou em Zurique uma imprensa russa que publicou em 1873, sob o título de *Istoritchesko erazvitte Internatsionala*, uma coleção de artigos que apareceram em jornais socialistas belgas e suíços, com algumas notas explicativas de diversos autores, entre eles um capítulo sobre a Aliança, escrito por Bakunin e, em 1874, somente de Bakunin, *Gosudarstoennost I Anarkhia*. Um conflito com Piotr Lavrov e discussões pessoais entre alguns membros deviam levar à dissolução da Seção Eslava de Zurique, em 1873.

Até então, o Conselho Geral decidiu convocar um congresso geral para 2 de Setembro de 1872, mas como o local escolhido para o congresso eleito a Haia, para poder levar ali mais facilmente de Londres e em grande número, delegados com mandatos complacentes ou fictícios, totalmente adeptos de sua política. Deste modo, o acesso ao Congresso era muito difícil aos representantes das Federações dis-

tantes, e impossível para Bakunin. A Federação Italiana, novamente constituída, se absteve de enviar delegados; a Federação Espanhola enviou quatro; a Federação Jurassiana, dois; a Federação Belga, sete; a Federação Holandesa, quatro; a Federação Inglesa, cinco. Estes vinte e um delegados, únicos representantes verdadeiros da Internacional, formaram um núcleo de minoria.

A maioria - um total de quarenta homens - não representava em realidade mais que seus integrantes e estava comprometida em executar tudo o que a ditadura da facção que Marx e Engels eram os chefes. O único ato do congresso de Haia que falaremos aqui é a expulsão de Bakunin, determinada no dia (7 de Setembro) - quando já um terço dos delegados havia partido - por vinte e sete votos contra sete, e oito abstenções. Os motivos expostos por Marx e seus partidários para exigir - após um ridícula simulação realizada "em família" por um comitê de cinco membros - a expulsão de Bakunin foram: "Que está demonstrado por um projeto de estatutos e cartas assinadas Bakunin que este cidadão tem tentado, e quiçá conseguido, fundar na Europa uma sociedade chamada Aliança, que tem estatutos completamente diferentes desde o ponto de vista social e político dos da Associação Internacional dos Trabalhadores; que o cidadão Bakunin tem se servido de manobras tendenciosas para se apropriar total ou parcialmente da fortuna de outro, o que constitui um fato de fraude; que, além de não cumprir seus compromissos, o ou os seus agentes recorrem a intimidação". É esta segunda parte da ata de acusação marxista - que faz alusão aos trezentos rublos recebidos como adiantamento para Bakunin concernentes a tradução d'*O Capital*, e a carta escrita por Netchaiev ao editor Poliakov - o que eu classifiquei acima como tentativa de assassinato moral.

Imediatamente foi publicado um protesto contra esta infâmia por um grupo de emigrados russos; eis aqui as principais passagens: "Genebra e Zurique, 4 de Outubro de 1872... Se atreveram a lançar contra nosso amigo Mikhail Bakunin a acusação de fraude e chantagem... Não acreditamos necessário nem oportuno poder apoiar a estranha acusação dirigida contra nosso compatriota e amigo. Estes fatos não são bem conhecidos, em seus menores detalhes, e consideramos um dever restabelecê-los com toda sua verdade tão logo quanto nos seja permitido fazer. Agora estamos impedidos pela infeliz situação de outro compatriota, que não é nosso amigo, mas a quem as perseguições de que é também, neste momento, vítima por parte do governo russo, não os fazem sagrado.

"O Sr. Marx, que não queremos aqui discutir a habilidade, nesta ocasião, pelo menos, calculou muito mal. Os corações horados, em todos os países, experimentarão mais que a indignação e desgosto ante uma intriga tão grosseira e uma violação tão flagrante dos mais simples princípios da justiça. Quanto a Rússia, nós podemos assegurar ao senhor Marx que todas suas manobras estarão sempre fadadas ao fracasso: Bakunin é muito estimado e conhecido ali para que a calúnia possa chagar a ele... (assinado): Nicholas Ogarev, Bartolomé Zayzev, Woldemar Ozerov, Armand Ross, Woldemar Holstein, Zemphiri Rally, Alejandro Oelsnitz, Valerian Smirnov".

Em 15 de Setembro, um dia depois da conferência em Haia, reuniu-se em Saint-Imier (Jura Suíço) outro Congresso Internacional, composto por delegados das Federações Italiana, Espanhola e Jurasiana, e representantes das Seções France-

sas e Norte-americanas. A este Congresso declarou por unanimidade “rechaçar absolutamente todas as resoluções do congresso de Haia não reconhecer de nenhuma forma os poderes do novo Conselho Geral nomeado por ele” (Conselho que, aliás, foi transferido para Nova York), A Federação Italiana havia confirmado por adiantamento as resoluções de Saint-Imer por sua votação, emitida na Conferência de Rímini em 4 de Agosto; a Federação Jurassiana a confirmou em um congresso especial realizado no dia 15 de setembro; a maior parte das Seções francesas se apressaram a enviar sua completa aprovação; a Federação Espanhola e a Federação Belga confirmaram estas resoluções em seus respectivos Congressos, realizados em Córdoba e em Bruxelas durante a semana do natal de 1872; a Federação Norte-americana fez o mesmo na Seção do seu Conselho Federal (Nova York, Spring Street) em 19 de Janeiro de 1873, e a Federação Inglesa, onde estavam dois dos antigos amigos de Marx - Eccarius e Jung -, que se separaram dele por causa de seus procedimentos -, em seu Congresso de 26 de Janeiro de 1873. O conselho geral de Nova York, querendo fazer uso dos poderes outorgados no congresso de Haia, pronunciou em 5 de Janeiro de 1873 a “suspensão” da Federação Jurassiana, declarada rebelde. Mas este ato teve somente por resultado que a Federação Holandesa, que em princípio queria manter a neutralidade, saiu de sua reserva e se uniu as outras sete Federações da Internacional, declarando em 14 de Fevereiro de 1873 que não reconhecia a suspensão da Federação Jurassiana.

A publicação de Marx e do pequeno grupo de seus seguidores, no segundo semestre de 1873, de um panfleto cheio de grosseiras alterações da verdade sob o título de *A Aliança da Democracia Socialista e a Associação Internacional dos Trabalhadores*, não teve outros resultados senão provocar o desgosto dos que leram este triste folheto, produto de um ódio cego.

Em 1º de Setembro de 1873 abria-se em Genebra o Sexto Congresso Geral da Internacional: As Federações Belgas, Holandesa, Italiana, Espanhola, Francesa, Inglesa e do Jura suíço estavam representadas; os socialistas lassallianos de Berlim haviam enviado um telegrama de simpatia firmado por Hassenclever e Hasselmann. O Congresso se ocupou da revisão dos estatutos da Internacional, declarou a supressão do Conselho Geral e fez da Internacional uma Federação Livre, sem nenhuma autoridade dirigente. As Federações e Seções que compunham a Associação - dizem os novos estatutos (artigo 3) - conservam sua completa autonomia, isto é, o direito a se organizarem segundo a sua vontade, de administrar seus próprios assuntos sem nenhuma interferência exterior, e de determinar elas mesmas a marcha que acreditem mais convincente para trazer a emancipação do trabalho.

Bakunin estava cansado depois de uma longa vida de lutas; a prisão o havia envelhecido precocemente, sua saúde estava debilitada e desejava repouso e o retiro. Quanto viu a Internacional reorganizada sob o princípio da livre federação, pensou que havia chegado o momento de apelar à tolerância de seus companheiros, e dirigiu aos membros da Federação Jurassiana uma carta (publicada em 12 de Outubro de 1873) “para pedir-lhes que aceitem sua demissão como membro da Federação Jurassiana e como membro da Internacional”, escrevendo: “Não me sinto com as forças necessárias para a luta; não poderia, pois, ser no campo do proletariado mais que um

estorvo, não uma ajuda. Retiro-me, queridos companheiros, cheio de agradecimento a vocês e de simpatia por vossa grande e santa causa, a causa da humanidade. Continuarei seguindo com ansiedade todos os vossos passos e saudarei com prazer cada um de vossos novos triunfos. Serei vosso até a morte”. Não lhes restavam mais que três anos de vida.

Seu amigo, o revolucionário italiano Carlo Cafieiro, lhe deu hospedagem em uma casa que acabava de ocupar em Locarno. Ali Bakunin viveu até meados de 1874, exclusivamente absorvido, segundo parece, por esse novo tipo de vida, no que encontrava enfim a tranquilidade, segurança e um relativo bem estar. Mas não havia deixado de se considerar um soldado da revolução: Sabendo que seus amigos italianos haviam preparado um movimento insurrecional, partiu para Bolonha (Julho de 1874) para tomar parte nele. O movimento, mal articulado, fracassou e Bakunin teve que ir para a Suíça clandestinamente.

Nesse momento houve um mal entendido na amizade que unia Bakunin a Cafieiro. Este, que havia sacrificado sua fortuna desinteressadamente pela causa da Revolução, se encontrou arruinado e se viu obrigado a por em venda a sua casa. Bakunin saiu de Locarno e foi para Lugano, onde, graças a remessa de parte de sua herança paterna enviada por seus irmãos, pode continuar a viver com sua família. Ademais, o esfriamento da amizade entre Bakunin e Cafieiro não durou muito e logo as relações se reestabeleceram. Mas a enfermidade avançava, seus estragos chegavam ao corpo e ao espírito e Bakunin já não era, em 1875, mais que a sombra de si mesmo. Em junho de 1876, na esperança de encontrar algum alívio para os seus males, saiu de Lugano e foi para Berna; ao chegar ali disse ao seu amigo, o doutor Adolf Vogt: “Venho para que me devolvas a saúde ou para morrer”. Ele o colocou em uma clínica (J. L. Hug Brain 15 Krankenpension, Mattenhof, 317), onde recebeu durante uma quinzena as atenções afetivas de seus velhos amigos Vogt e Reichel. Em uma de suas últimas conversas, que foram anotadas por Reichel, falando de Shopenhauer (no dia 15), fez esta observação: “Toda nossa filosofia parte de uma base falsa; isto é, começa sempre considerando o indivíduo como indivíduo e não, como deveria fazer, como um ser pertencente a uma coletividade. Daí sai a maior parte dos erros filosóficos, que concluem que seja a concepção da felicidade nas nuvens, ou em um pessimismo, como o de Shopenhauer e Hartmann”. No dia 21, seu amigo disse que se lamentava de que Bakunin jamais houvesse tido tempo de escrever as suas memórias: “E para que queres que eu as tenha escrito? Não vale a pena abrir a boca. Hoje os povos de todos os países perderam o instinto da Revolução. Não, se eu encontrasse, todavia, um pouco de saúde, queria eu escrever melhor uma ética baseada nos princípios do coletivismo, sem frases filosóficas nem religiosas”. Morreu em 1º de Julho, ao meio dia.

Em 3 de Julho, socialistas de todas as partes da Suíça chegaram em Berna para render as últimas honras a Mikhail Bakunin. Sobre seu túmulo pronunciaram discursos alguns de seus amigos da Federação Jurassiana: Adhemar e Schwitzguebel, James Guillaume, Elisée Reclus; Nicolas Jukovsky em nome dos russos; Paul Brousse, em nome da juventude revolucionária francesa; Carlo Salvioni, em nome da juventude revolucionária italiana; Betsien, em nome do proletariado alemão. Em reu-

nião realizada após a cerimônia, o mesmo desejo em todos os corações: Esquecer os rancores pessoais e a união, sobre o terreno da liberdade, de todas as frações do socialismo de ambos os mundos. E se aprovou por unanimidade a seguinte resolução: “Os trabalhadores reunidos em Berna em razão da morte de Mikhail Bakunin, pertencentes a cinco nações diferentes, uns partidários do Estado operário, e outros partidários da livre federação dos grupos de produtores, pensam em uma reconciliação não somente útil, desejavam, mas que é fácil, sobre o terreno dos princípios da Internacional, tais como se formularam no artigo 3 dos estatutos revisados no Congresso de Genebra de 1873.

“Em consequência, a assembleia reunida em Berna propõe a todos os trabalhadores esquecerem as inúteis e enfadonhas divisões passadas, e se unirem mais estreitamente sobre o reconhecimento dos princípios enunciados no artigo 3 dos mencionados estatutos”.

Que resposta se deu a esta proposição de união na liberdade e de esquecimento dos ódios passados? O *Taguacht* de Zurich (tendo como editor Hermann Greulich), publicou em 8 de Julho as seguintes linhas: “Bakunin era considerado por muitos bons socialistas, homens imparciais como um agente russo; esta suspeita, errônea, sem dúvida, está fundamentada no fato de que a ação destrutiva de Bakunin fez muitos danos ao movimento revolucionário e beneficiou a reação”. Esta injúria da *Taguacht*, assim como as considerações maldosas emitidas pelo *Volkstat* de Leipzig e *Vpered* de Londres, fizeram reconhecer aos amigos de Bakunin que os que haviam o perseguido não estavam dispostos a cessar, e o *Bulletim de la Federation Jurassienne* na presença dessas manifestações hostis, fez esta declaração: (Setembro de 1876): “Desejamos - nossa conduta sempre mostrou - a aproximação, na medida do possível, de todos os grupos socialistas; estamos dispostos a estender a mão da reconciliação a todos que queiram lutar sinceramente pela emancipação do trabalho; mas estamos bem decididos a não deixar insultarem nossos mortos”.

Há chegado o momento, por fim de que a posteridade julgue a pessoa e os atos de Mikhail Bakunin com a imparcialidade que o espera de direito? Poder-se-á esperar que o voto emitido de seus amigos sobre sua tumba recém-coberta se realize algum dia?

James Guillaume

## O problema econômico origina todos os outros

Subjacendo todos os problemas históricos, nacionais, religiosos e políticos, esteve sempre o problema econômico, o mais importante e essencial não só para o povo trabalhadora mas também para todas as classes, o Estado e a igreja. A riqueza sempre foi - e, todavia o é - a condição indispensável para a realização de todo humano: Autoridade, poder, inteligência, conhecimento, liberdade. Isto é verdade em tal medida, que a igreja mais idealista do mundo - a igreja cristã -, que declara o desprezo pelos bens terrenos, conseguiu vencer o paganismo e fundar seu próprio poder sobre as ruínas deste último, orientou toda sua ação até a aquisição de riqueza.

O poder político e a riqueza são inseparáveis. Os que possuem poder têm os meios para obter riqueza e devem centrar todos os seus esforços em adquiri-la, pois sem ela não serão capazes de conservar seu poder. Os que são ricos devem se fazer fortes, pois, ao carecer de poder, correm o risco de serem despojados de sua riqueza. O povo trabalhador foi sempre impotente porque estava atingido pela pobreza, e estava atingido pela pobreza porque carecia do suficiente poder. Considerando isto não é de se estranhar que, entre todos os problemas que enfrenta, haja visto e veja como problema primeiro e principal o problema econômico, o problema de obter o pão.

O povo trabalhador, perpétua vítima da civilização, mártir da história, nem sempre viu e compreendeu este problema como o faz atualmente, mas sempre o sentiu intensamente, e um pode assegurar que entre todos os problemas históricos que provocaram sua passiva simpatia, em todos seus esforços instintivos nos campos religioso e político, tem sido sempre o problema econômico que ele tratou de solucionar. Todo povo, tomado em sua totalidade, é socialista, e todo trabalhador que pertence ao povo é socialista em virtude da sua posição. E este modo de ser socialista é incomparavelmente mais séria que a daqueles socialistas que, pertencendo às classes privilegiadas pela condição vantajosa de sua vida, chegam às convicções do socialismo só por via da ciência e do pensamento.

De maneira alguma me inclino a subestimar a ciência ou o pensamento. Compreendo que principalmente são estes os fatores os que distinguem o homem dos outros animais, os reconheço como as estrelas que guiam toda prosperidade humana. Mas ao mesmo tempo compreendo que a sua luz é só uma luz fria, que enquanto não ande de mãos dadas com a vida, sua verdade não descansa sobre a verdade da vida, se tornará impotente e estéril. Sempre que contradizem a vida, a ciência e o pensamento, degeneram em sofisticação, em culto da falsidade ou covardia vergonhosa e inatividade, pois nem a ciência nem o pensamento existem isolados; não são algo abstrato, se manifestam somente no homem real e todo homem real é um ser completo que não pode buscar a verdade e a teoria rigorosas e ao mesmo tempo gozar os frutos da falsidade na prática. Em todo homem, inclusive no socialista mais convencido, que pertença - não por nascimento, mas por uma circunstância acidental - à classe governante, que explore os outros, se pode descobrir que esta contradição entre o pensamento e a vida. E esta contradição invaria-

velmente o paralisa, o torna impotente. Por isso só se pode converter-se em um socialista completamente convencido recente quando tenha partido todos os laços que o atam ao mundo privilegiado e tenha renunciado a todas suas vantagens.

O povo trabalhador não tem nada a que renunciar nem nada que se separar: É socialista por sua própria condição. Golpeado pela pobreza, injuriado, oprimido, o trabalhador se volta por instinto representante de todos os indigentes, de todos os injuriados e todos os oprimidos. E qual é o problema social senão o da emancipação última e integral de todos os despossuídos? A diferença essencial entre um socialista educado, que pertence à classe governante ainda que seja só pela educação, e o socialista inconsciente do povo trabalhador, reside no fato de que o primeiro, desejando se tornar em um socialista, nunca poderá sê-lo plenamente, enquanto que o último, o sendo, não é consciente disso, não sabe que existe a ciência social no mundo e inclusive nunca olhou para a palavra socialismo.

Um sabe tudo sobre o socialismo, mas não é socialista; o outro é socialista ainda que nada saiba acerca dele. Qual é preferível? Em minha opinião, é preferível ser socialista. É quase impossível passar, por assim dizer, do pensamento abstrato - o pensamento sem vida e carente de força impulsora - à vida. Mas o caso inverso - a possibilidade de passar do ser ao pensamento - tem sido confirmado por toda história da humanidade. E agora encontra uma fundamentação adicional na história do povo trabalhador.

Todo o problema social se reduz, pois, a um problema muito simples. Imensas multidões estavam e ainda estão condenadas à pobreza e a escravidão. Sempre constituíram uma imensa maioria se comparada com a minoria opressora e exploradora. Isto significa que o poder numérico sempre esteve do seu lado. Por que então não o usaram para livrar-se do jugo odioso e funesto? Pode um chegar a imaginar que existiu um momento em que as massas começaram a amar a opressão e a não sentir seu penoso jugo? Isso seria contrário ao sentido comum, contrário à natureza do homem. Todo ser vivente luta pela prosperidade e a liberdade, e para odiar o opressor não é necessário sequer ser um homem, basta ser um animal. Portanto, a longa e sofrida paciência das massas deve ser explicada por outras razões.

Sem dúvidas, uma das causas principais reside na ignorância do povo. Devido a essa ignorância, o povo não se concebe a si mesmo como uma massa toda poderosa unida por laços de solidariedade. Está desunido na concepção de si mesmo tanto quanto está desuniado na vida, como resultado das circunstâncias opressivas. Esta dupla desunião é a origem principal da impotência cotidiana do povo. Devido a isso, entre as pessoas ignorantes os que possuem o mais baixo nível de educação ou uma experiência coletiva e histórica escassa, todos, toda a comunidade, consideram os problemas e opressões que sofrem como um fenômeno particular ou pessoal e não como um fenômeno geral que afeta a todos na mesma medida e que, por consequência, deve uni-los em um destino compartilhado, na resistência ou no trabalho.

O que acontece é precisamente o contrário: Toda região, toda comuna, toda família e todo indivíduo consideram os outros como inimigos dispostos a impor seu jugo e despojá-los, e enquanto esta alienação mútua continue, qualquer partido -

ainda que este apenas organizado -, qualquer casta do poder estatal, que quiçá representem a um número comparativamente pequeno de pessoas, pode facilmente enrolar, aterrorizar e oprimir milhões de trabalhadores.

A segunda razão - também sequela direta da mesma ignorância - é que o povo não vê e não conhece as verdadeiras origens de sua miséria, e muitas vezes odeia unicamente a manifestação da causa e não a causa em si, assim como um cachorro pode morder o pau com que um homem o bate, mas não o homem. Desta forma os governos, as castas e os partidos - que constituem até agora sua existência nas aberrações mentais do povo - podem continuar enganando. Ignorante às verdadeiras causas de seu infortúnio, o povo não pode, certamente, ter ideia da forma e dos meios para conseguir sua emancipação e se deixa desviar de um a outro caminho falso, buscando a salvação onde é impossível havê-la e prestando-se como instrumento para ser usado pelos opressores.

Deste modo, as massas populares, impulsionadas pela mesma necessidade social de melhorar sua vida e de se libertar da intolerável opressão, se deixam levar de uma ou outra forma pela religião, de uma ou outra forma política elaborada para a opressão do povo - pois a última sempre é tão opressiva como a anterior, ou ainda pior -, de maneira similar ao homem que, atormentado pela doença, vai de um lado a outro, mas não encontra alívio em nenhum lugar.

Tal é a história do povo trabalhador de todos os países, no mundo inteiro. Uma história sem esperança, odiosa, horrível, capaz de levar angústia a qualquer um que busque a justiça humana. E sem dúvida não se deve deixar-se levar por este sentimento. Por mais pavorosa que tenha sido a história até o presente, não se pode dizer que se deu em vão ou que não alcançou nenhum benefício. O que se pode fazer se, por sua própria natureza, o homem está condenado a elaborar seu caminho desde a mais negra escuridão à razão, desde o estado animal ao humano, em meio a todo tipo de abominações e tormentos? Os erros históricos e os infortúnios que vão de mãos dadas com eles tem dado origem a multidões de analfabetos. E essas pessoas pagam com seu suor e com seu sangue, com sua pobreza, sua fome, sua penosa escravidão, seu tormento até a morte, cada um dos novos movimentos que foram atraídos pelas minorias exploradas. No lugar dos livros que não puderam ler, a história escreveu a chicotadas essas lições sobre suas costas. Tais lições não podem se esquecer facilmente. Pagando custosamente cada nova fé, cada nova esperança ou cada novo erro, as massas populares alcançam a razão por meio dos erros históricos.

Através de amarga experiência chegou a compreender a inutilidade de todas as crenças religiosas, de todos os movimentos políticos e nacionais, e desta maneira chegaram pela primeira vez se levantar o problema social com clareza. Esse problema corresponde ao instinto original e ancestral, mas, através de séculos de desenvolvimento, desde o começo da história do Estado, esteve obscurecido pelos miasmas religiosos, políticos e patrióticos. Retirados esses miasmas, a Europa se agita pelo problema social.

Em todas as partes as massas começam a vislumbrar a verdadeira causa de sua miséria, começam a ter consciência do poder da solidariedade e começam tam-

bém a comparar sua imensidão numérica com a insignificância de quem os roubam. Mas se alcançarem essa consciência, o que lhes impede de se libertarem?

A resposta é: A falta de organização e a dificuldade para chegar a um acordo mútuo.

Vimos que em toda sociedade historicamente desenvolvida, como o caso da atual sociedade europeia, por exemplo, as massas estão divididas em três categorias principais:

1- A imensa maioria, completamente desorganizada, que é explorada e não explora os outros;

2- Um setor considerável que abarca todos os estratos intermediários, uma minoria exploradora e ao mesmo tempo explorada, que é oprimida e oprime outros;

3- Por último, a pura e simples minoria de opressores e exploradores, o grupo menor, conscientes de sua função e plenamente de acordo com um plano de ação: Garantir que essa classe seja governante suprema.

Temos visto, além disso, que na medida em que esta cresce e se desenvolve, a maioria daqueles que formam as classes governantes se tornam em si mesmos uma massa semi instintiva ou, se quiserem, um Estado organizado, mas que necessita de uma compreensão mútua ou de uma direção consciente em seus movimentos e ações. Sobre as massas trabalhadoras, não organizadas, estes últimos - os membros das classes governantes - jogam, certamente, o papel de exploradores e continuam oprimindo-as, não através de um plano deliberado sobre o qual se colocaram de acordo, mas através do costume, do direito tradicional e jurídico, crenças - em sua maioria - da legalidade e da santidade desse direito.

Mas ao mesmo tempo, a respeito da minoria que controlava o governo, sobre o grupo que mantém um acordo mútuo e explícito quanto ao seu curso de ação, esse conjunto intermediário faz o papel mais ou menos passivo de uma vítima explorada. E posto que essa classe média, embora não suficientemente organizada, conserve mais riqueza, educação e liberdade de movimentos e ação, como assim também uma maior proporção de outros meios necessários para organizar conspirações e se organizar - mais dos que possuem o povo trabalhador -, muitas vezes acontece que as rebeliões provêm dessa mesma classe média, rebeliões que frequentemente acabam com a vitória sobre o governo da vez e com sua troca por outro governo. Tal tem sido a natureza de todos os levantes políticos internos dos que nos fala a história.

Os levantes e rebeliões nada de bom podem trazer ao povo, pois as rebeliões das classes governantes são sempre devido a injúrias infringidas a eles mesmos e não as que sofrem o povo; têm como motivo seus interesses e não os interesses do povo. Não importa o quanto as classes governantes lutem entre si, o quanto possam se rebelar contra o governo existente; nenhuma de suas revoluções teve nem terá nunca como propósito demolir os fundamentos econômicos e políticos do Estado, que são os que fazem possível a exploração das massas trabalhadoras, a existência de

classes e o princípio classista. Não importa o quão revolucionárias essas classes possam ser em seu espírito e o quanto possam odiar uma forma particular do Estado.

O Estado em si é sagrado para elas; sua integridade, poder e interesses são erigidos como interesses supremos. O patriotismo, ou seja, o sacrifício de si mesmos, da própria pessoa e da propriedade em prol dos fins do Estado, sempre tem sido e é ainda hoje estimado como a virtude mais nobre.

Então, nenhuma revolução, por mais ousada e violenta que possa ser em suas manifestações, nunca ousará por sua mão sacrílega sobre as arcas sagradas do Estado. E posto que nenhum Estado é possível sem uma organização, uma administração, um exército e um número considerável de homens investidos de autoridade - ou seja, que é impossível sem um governo -, a derrocada de um governo é seguido necessariamente de outro mais afim de maior utilidade para as classes que triunfaram na luta.

Mas, por mais útil que possa ser, depois de sua lua de mel o novo governo começa a despertar a indignação das mesmas classes que o levou ao poder. Tal é a natureza de qualquer autoridade: Está condenada a agir mal. Não me refiro ao *mal* do ponto de vista dos interesses do povo, pois o Estado, sempre constitui um mal absoluto para o povo. Não, me refiro a um *mal* sentido como tal pelas mesmas classes em cujo benefício exclusivo existem o Estado e o governo. Apesar dessa necessidade, o Estado sempre cai sobre elas como uma pesada carga e, se bem serve aos seus interesses essenciais, as esgota e as oprime, ainda que em menor medida que as massas.

Um governo que não faça abuso de seu poder e que não seja opressor, um governo imparcial e honesto que atue igualitariamente e que ignore os interesses de classe, preocupando-se exclusivamente com as pessoas que estão subordinadas à ele é, como a quadratura do círculo, o ideal inalcançável, pois vai contra a natureza humana. E a natureza humana, a natureza de todo homem, tem tais características que, se lhe dar poder sobre os outros, invariavelmente os oprimirá; colocado numa posição excepcional e tirado da igualdade humana, se converte em um tirano. A igualdade e a ausência de autoridade são as únicas condições essenciais para a moralidade de todo homem. Peguem o revolucionário mais radical e ponha-o no trono da Rússia, o outorguem um poder ditatorial - ilusão de tantos revolucionários novatos nos - e dentro de um ano será pior que o próprio Czar.

As classes governantes se convenceram disto faz muito tempo e fizeram circular um ditado que proclamava que “o governo é um mal necessário”. Necessário, é claro, para eles, pois de nenhuma maneira para o povo, com respeito ao qual o Estado e o governo que este requer não são um mal necessário, mas sim um mal fatal. Se as classes governantes pudessem existir sem um governo, conservando somente o Estado - ou seja, a possibilidade e o direito de explorar o trabalho do povo - não instaurariam um governo em troca de outro.

Para diminuir o mal causado pelos governos, as classes governantes do Estado projetaram diversas ordens e formas constitucionais que na atualidade condenam os Estados europeus existentes a oscilar entre o caos social e o despotismo de go-

verno. Isto tem feito tremer o edifício governamental de tal maneira que até mesmo nós, ainda que velhos, podemos esperar ser testemunhas e agentes de sua destruição final. Não há dúvidas de que, quando chegue o momento do desastre, a imensa maioria das pessoas pertencentes às classes governantes do Estado estreitarão a ordem em torno deste último, sem ter em conta seu ódio contra os governos existentes, e o defenderão contra o povo trabalhador enfurecido, para salvar a pedra fundamental de sua existência enquanto classe.

Mas, por que é necessário um governo para conservar o Estado? Porque o Estado não pode existir sem uma permanente conspiração, uma conspiração dirigida, claramente, contra as massas para cuja escravização existem todos os Estados. E em todo Estado o governo não é senão uma permanente conspiração por parte da minoria contra a maioria, a que é escravizada e massacrada. Da mesma essência do Estado se deduz que nunca existiu nem poderá existir uma organização de tal caráter que não vá contra os interesses do povo e que não seja profundamente odiada por este.

Devido a sua ignorância, muitas vezes ocorre que o povo, longe de se levantar contra o Estado, lhe mostra certo respeito, se acha ligado afetivamente ligado a ele e espera que este administre justiça; conseqüentemente, parece estar imbuído de sentimentos patrióticos. Mas quando observamos mais sobre a atitude de qualquer povo - inclusive do mais patriótico - com respeito ao Estado, encontramos que só ama e reverencia ele na concepção ideal de tudo isso, e não sua manifestação real. O povo odeia a essência do Estado na medida em que chega a ter contato com ele e está sempre pronto para destruí-lo na medida em que não se encontre reprimido pela força organizada do governo.

Temos visto já que, quanto maior é a minoria exploradora menor é a sua capacidade de governar diretamente os assuntos de um Estado. As numerosas facções e a heterogeneidade dos interesses das classes governantes dão origem por sua vez a desordem, ao caos e a debilidade do regime estatal necessário para manter a requerida obediência no povo explorado. Conseqüentemente, os interesses de todas as classes governantes exigem de forma imperiosa que no seu seio se cristalize uma minoria governante ainda mais compacta e capaz, por ser pouco numerosa, de chegar a um acordo mútuo para organizar seu próprio grupo e todas as forças do Estado em benefício das classes governantes e contra o povo.

Todo governo tem um duplo propósito. O propósito principal e reconhecido é o de conservar e fortalecer o Estado, a civilização e a ordem civil, ou seja, a dominação sistemática e legalizada da classe governante sobre o povo explorado. O outro propósito, igualmente importante aos olhos do governo, ainda que não reconhecido de bom grado nem abertamente, é a conservação das vantagens governamentais exclusivas de seu pessoal. O primeiro toca os interesses gerais das classes governantes; o segundo a vaidade e as vantagens excepcionais que gozam os indivíduos do governo.

Devido o seu primeiro propósito o governo se coloca numa atitude hostil ao povo; devido ao segundo, tanto até o povo quando até as classes privilegiadas, pois

houve momentos na história em que o governo se voltou mais hostil com as classes proprietárias que com o povo. Isto acontece sempre que as primeiras, cada vez mais insatisfeitas com ele, tratam de derrocá-lo ou de limitar seu poder. Então, o sentimento de auto conservação impulsiona o governo a esquecer seu propósito principal, que constitui todo o significado de sua existência: a conservação do Estado ou o governo classista e o bem estar classista contra o povo. Mas esses momentos não podem durar muito, pois o governo - qualquer que seja a sua natureza- não pode existir sem as classes governantes, assim como estas não podem existir sem um governo. Ante a falta de qualquer outra classe, o governo cria uma classe burocrática do seu próprio seio.

Todo o problema do governo é este: Como conservar, mediante o emprego da menor força possível, mas melhor organizada - tomada do povo -, a obediência deste ou a ordem civil, e ao mesmo tempo a independência, não do povo - que, certamente, está fora de questão -, mas de seu Estado contra os projetos ambiciosos dos poderes vizinhos e, por outra parte, como incrementar suas posses a custa dos mesmos poderes. Em uma palavra, guerra dentro e guerra fora; tal é a vida do governo. Armado e constantemente em guarda contra os inimigos internos e externos. Ainda que em si mesmo seja demagógico, inspire opressão e engano, está obrigado a olhar para todos - dentro e fora de seus limites - como inimigos, e deve conspirar contra eles permanentemente.

Ainda que, a inimizade entre os Estados e os governos que os regem não pode se comparar com a inimizade de cada um deles contra seu próprio povo trabalhador. E assim como duas classes governantes desenvolvem uma luta cruel, estão prontas para esquecer seus ódios mais intransigentes todas as vezes que surge uma rebelião popular, dois Estados ou dois governos estão prontos para descartar suas inimizades e seu aberto enfrentamento apenas quando aparece no horizonte a ameaça de uma Revolução Social. O problema mais essencial de todos os governos, de todos os Estados e das classes governantes, qualquer que seja sua forma, o pretexto, o nome que podem usar para disfarçar sua natureza, é subjugar o povo e mantê-lo escravizado, pois isto constitui um problema de vida ou morte para tudo o que se denomina atualmente civilização ou Estado.

Todos os meios são permitidos ao governo para conseguir esses propósitos. O que na vida provada se chama infâmia, vileza, crime, assume nos governos o caráter de “valor, virtude e dever”. Maquiavel tinha mil vezes razão ao sustentar que a existência, a prosperidade e o poder de qualquer Estado - seja monárquico ou republicano - deve se basear no crime. A vida de todo governo é necessariamente uma série de atos indignos, vis, e criminosos contra todos os povos estrangeiros e também, em uma medida muito maior, contra seu próprio povo trabalhador. É uma conspiração sem fim contra a prosperidade e a liberdade do povo.

A ciência de governar foi elaborada e aperfeiçoada durante séculos. Creio que ninguém me acusará de exagero se chamou esta ciência a enrolação máxima do Estado, desenvolvida entre a luta constante e em a ajuda da experiência de todos os Estados do passado e do presente. Esta é a ciência de esgotar o povo na forma em que se sintam menos, mas sem deixar nenhuma sobra - pois qualquer sobra lhe daria

um poder adicional - e ao mesmo tempo de não o privar do mínimo necessário para manter sua vida miserável e poder assim seguir produzindo riqueza.

É a ciência de recrutar soldados do povo e de organizá-los mediante uma hábil disciplina, de formar um exército regular - a arma principal do Estado -, uma força repressiva conservada com o propósito de manter subjugado o povo. É a ciência de distribuir, inteligente e prontamente, umas poucas dezenas de milhares de soldados, situando-os nos pontos mais importantes de uma região determinada, de maneira a manter a população no temor e na obediência. É a ciência de abranger países inteiros com a rede mais fina da organização burocrática e, mediante disposições, decretos e outras medidas, aprisionar, desunir e debilitar o povo trabalhador de maneira que não seja capaz de se unirem e evoluir, de maneira que permaneça sempre na mais benéfica ignorância - benéfica para o governo, para o Estado e para as classes governantes -, que torna impossível a influencia de novas ideias e de personalidades enérgicas.

Este é o único propósito de qualquer organização governamental, a permanente conspiração do governo contra o povo. E esta conspiração, reconhecida abertamente como tal, abarca a diplomacia, a administração interna, - militar, civil, racial, judicial, financeira, educacional - e a igreja.

E é contra sua imensa organização - armada de todas as formas, intelectuais, materiais, legais e ilegais e que em caso extremo pode contar com a cooperação de todas ou de quase todas as classes governantes -, contra a que deve lutar o povo pobre. Este, mesmo tendo uma superioridade numérica, é ignorante, está desarmado e necessita de organização. É possível então a vitória? Existe, nessas condições, alguma possibilidade de ter êxito na luta?

Não basta que o povo desperte e que finalmente se faça consciente de sua miséria e das causas que as produzem. É verdade que existe nisso uma grande dose de força elementar, muito mais que o governo e as classes governantes, mas uma força elementar que carece de organização não é um poder real. Sobre esta irrefutável vantagem da força organizada ante a força elementar está baseado o poder do Estado.

Por consequência, o problema não é o de se eles (o povo) possuem a capacidade de se rebelarem, mas sim o de se são capazes de formar uma organização que lhes permita levar a rebelião a um fim vitorioso, não a uma vitória casual, mas um triunfo final e duradouro.

Nele, poderíamos dizer que exclusivamente nele, se centra todo este problema acelerado.

A primeira condição da vitória do povo é, pois, o acordo entre o povo e a organização das forças do povo.

## Os fatores socioeconômicos e psicológicos

A ciência social como doutrina moral serve simplesmente para desenvolver e formular os instintos do povo, e inclusive existe uma brecha considerável entre estes e aquela. Se os instintos tiverem sido suficientes para emancipar o povo, essa libertação se daria desde há muito tempo. Os instintos do povo, sem dúvidas, não tem sido bastante fortes como para evitar que as massas sofressem, em todo o curso triste e trágica história, diversos absurdos religiosos, políticos, econômicos e sociais.

As injustiças sofridas pelas massas populares não foram completamente esquecidas por elas. Seu rastro deixou algo que se assemelha a uma intuitiva consciência histórica, uma ciência prática, baseada em tradições, e que muitas vezes toma o lugar da ciência teórica. Assim, por exemplo, alguém pode dizer atualmente, com certo grau de segurança, que nenhuma nação da Europa Ocidental se deixará levar por um impostor religioso, um novo messias ou um político charlatão. Alguém pode afirmar, assim mesmo, que as massas europeias sentem intensamente a necessidade de uma Revolução econômica e social; se o instinto do povo não se fazer sentir tão forte, profunda e intensamente nesse sentido, nenhum socialista no mundo, por mais que possua uma genialidade inigualável, seria capaz de agitar o povo.

Como poderia ser capaz do proletariado urbano e rural resistir às intrigas políticas da igreja, do Estado e da Burguesia? Para se defender conta somente com uma arma, a de seu instinto, que sempre tende ao verdadeiro e ao justo, pois o povo é a vítima principal, já que não a única, das iniquidades e falsidades que reinam de forma soberana na sociedade existente, e porque, oprimido por privilégios, naturalmente exige igualdade.

Mas o instinto não é uma arma adequada para defender o proletariado das maquinações das classes privilegiadas.

O instinto, abandonado, às suas próprias forças, sem ter se transformado em pensamento consciente e claramente definido, se deixa com facilidade desencaminhar, perverter e enganar. E lhe é impossível alcançar essa autoconsciência sem a ajuda da educação e da ciência. O conhecimento dos problemas e dos homens, juntamente com a experiência política está ausente no oprimido. A consequência pode se prever facilmente: O oprimido tem uma meta, mas indivíduos astutos, aproveitando-se de sua ignorância, o encaminham até outra, sem que ele suspeite sequer que sua atuação não esteja se distanciando dos fins. E quando novamente adverte o que está acontecendo, em geral é demasiado tarde para evitar o mal já produzido, do qual o proletariado é naturalmente a vítima primeira e principal.

Os governos, estes guardiões oficiais autorizados da ordem pública, da propriedade e da segurança das pessoas, nunca deixam de recorrer a tais medidas quando se fazem necessárias para sua conservação. Quando as circunstâncias o requerem, se tornam revolucionários e exploram - orientando-as em seu proveito -, as paixões socialistas. E nós, socialistas revolucionários, como não sabíamos dirigir essas mesmas paixões até sua verdadeira meta, até uma meta que concorde com os

profundos instintos que animam o povo! Esses instintos, digo mais uma vez, são profundamente socialistas, pois são os instintos de todo homem de trabalho, contra dos os exploradores do trabalho, e precisamente isso é o socialismo elementar, natural e verdadeiro, o resto, todos os diversos sistemas de organização social e econômica, não são mais que elaborações experimentais, mais ou menos científicas, e por desgraça frequentemente dogmáticas, desse instinto fundamental e primitivo do povo.

A solidariedade de classes é mais forte que a solidariedade de ideias. Os ódios sociais, como os ódios religiosos, são muito mais intensos, muito mais profundos que os ódios políticos.

Em geral, a um burguês - ainda que seja o republicano mais progressista -, o afetarão, impressionarão e comoverão mais as desgraças de outro burguês - ainda que este último seja um forte imperialista -, que os infortúnios de um trabalhador, de um homem do povo. A diferença de atitude representa, é claro, uma grande injustiça, mas essa injustiça não é premeditada; é instintiva. Provém das condições e hábitos de vida - os que sempre exercem sobre os homens uma influência mais poderosa que suas ideias e convicções políticas -, a maneira particular de ser, de se desenvolver, de pensar e de agir. Todas essas relações sociais, tão numerosas e que convergem ao mesmo temo tão regularmente sobre um ponto - a vida e o mundo burguês -, estabelecem entre os homens pertencentes a esse mundo (quaisquer que sejam suas diferenças de opinião que possam existir em seu seio sobre assuntos políticos) uma solidariedade que é infinitamente mais real, profunda, poderosa e, sobretudo, mais sincera que a que pode se estabelecer entra a burguesia e os trabalhadores em virtude da existência de uma comunidade mais ou menos ampla de convicções e de ideias.

Devido a origem animal de toda sociedade humana e como resultado dessa força de inércia que exerce uma ação tão poderosa no mundo intelectual como no moral e no material, em toda sociedade que não tenha degenerado mas que continua progredindo e melhorando, o mal, ancestralmente, está mais profundamente enraizado que o bem. Isto nos explica o porquê do total de hábitos coletivos atuais nos países mais ou menos civilizados a maioria deles são absolutamente desprezíveis

Que ninguém imagine que quero declarar a guerra à tendência geral da sociedade e dos homens a se deixarem governar pelo hábito. Nisto, como em muitas outras coisas, resulta inevitável que os homens obedeçam a uma lei natural e seria absurdo rebelar-se contra uma lei da natureza. A ação do hábito na vida intelectual e moral dos indivíduos como das sociedades é a mesma que a ação das forças vegetativas na vida animal. Ambas são condições de existência e de realidade. O bem e o mal, para adquirir realidade, devem se converter em hábitos, sejam os do indivíduo ou os da sociedade. Todos os exercícios e os estudos que os homens realizam tem só este propósito como fim, e as melhores coisas deixam raízes dentro do homem e se transformam em sua segunda natureza só por força do hábito.

Seria então um completo desatino rebelar-se contra ela, pois se trata de uma força inexorável sobre a que nunca poderiam triunfar a inteligência ou a vontade

humana. Mas se - iluminados pelas ideias racionais de nossa época e pelo verdadeiro conceito de justiça elaborado por nós - queremos seriamente converter-nos em homens, devemos fazer só uma coisa: Usar constantemente nossa força de vontade, isto é, nosso hábito de controlar a vontade ante as circunstâncias, a fim de separar os maus hábitos e transformá-los em bons. Para humanizar a sociedade em sua totalidade é necessário destruir sem compaixão todas as causas, todas as condições econômicas, políticas e sociais que provocam nos indivíduos a tradição do mal e transformá-las em condições que tenham como consequência necessária encorajar e desenvolver nesses indivíduos a prática e o hábito do bem.

Na Itália, como em qualquer outro país, existe um único e indivisível mundo de indivíduos ladrões que, saqueando o país em nome do Estado, o conduzem, para maior benefício desse Estado, à pobreza e ao desespero mais extremo.

Mas até a pobreza mais terrível que possa chegar a afligir o proletariado não é em si mesma garantia inevitável da Revolução. O homem foi dotado por natureza de uma paciência assombrosa, às vezes exasperante, e só o diabo sabe quanto tempo um trabalhador é capaz de tolerar esses males quando - além da pobreza que o condena a privações sem fim e a uma morte prolongada pela inanição - está dotado também de estupidez, torpeza, falta de consciência de seus direitos e uma forte resignação e obediência. Um homem assim nunca reagirá, morreria antes de se rebelar.

Quando é levado a extremos de desalento, o homem é capaz de explodir em indignação. A desesperança é um sentimento penetrante, intenso. O tira do torpor do sofrimento resignado e isso já se supõe uma compreensão mais ou menos clara da possibilidade de uma existência melhor, a que, sem dúvida, não espera chegar.

Mas como não é possível permanecer muito tempo no desespero, rapidamente esta o leva a morte ou a defesa de uma causa.

Que causa? A causa da emancipação, claramente, e da obtenção de uma vida melhor.

Mas nem sequer a pobreza e a desesperança bastam para provocar uma Revolução Social. Ainda que possam originar um número limitado de levantes locais, resultam inadequados para movimentar todas as massas populares. Isso só pode ocorrer quando o povo está animado por uma ideia universal surgida historicamente das profundezas de seu instinto (desenvolvido, ampliado e clarificado por uma série de acontecimentos significativos, experiências amargas e penosas), e quando têm uma ideia geral sobre seus direitos, como assim também uma fé profunda, apaixonada - alguém poderia dizer, até religiosa -, nesses direitos. Quando esse ideal e essa fé popular confluem com uma pobreza que leva ao homem ao desespero, então a Revolução Social é iminente e inevitável e não existe poder no mundo que seja capaz de detê-la.

Vou explicar a situação particular que o socialismo francês pode chegar a enfrentar caso siga esta guerra<sup>2</sup>, no caso de que a mesma termine com uma paz vergonhosa e desastrosa para a França.

Os trabalhadores estarão muito mais insatisfeitos do que estão até agora. Claramente, isto é evidente por si mesmo, mas, se segue dele que: Se tornarão mais revolucionários seu temperamento e seu espírito, por sua vontade e suas decisões? E se acontece assim, será para eles mais fácil que até agora iniciar uma Revolução Social? Não vacilo em dar aqui uma resposta negativa a ambas as perguntas. Primeiro, o temperamento revolucionário das massas trabalhadoras - e não por certo dos indivíduos excepcionais que tenho em mente -, não depende só do maior ou menor grau de pobreza e descontentamento mas também da fé ou a confiança que os trabalhadores tenham na justiça e na necessidade do triunfo final de sua causa. Desde que começaram a existir as sociedades políticas, as massas foram sempre atacadas pela pobreza e pelo descontento, pois todas as sociedades políticas e todos os Estados, desde o começo da história até nossos dias, sempre estiveram baseados, e, todavia o estão, na pobreza e no trabalho forçado do proletariado. Por consequência, os direitos sociais e políticos, como os bens materiais, tem sido sempre privilégio exclusivo das classes governantes; as massas trabalhadoras só lhes corresponderam as privações, o desprezo e a violência de todas as sociedades politicamente organizadas. Daí seu descontentamento, suportado por séculos.

Sem dúvidas, esse descontentamento raras vezes provoca Revoluções. Vemos que nem sequer os povos reduzidos a miséria mais extrema manifestaram sinais de agitação. Qual é a razão desta situação? Estão, por acaso, de acordo? De forma alguma. A razão é que não possuem consciência de seus direitos, não possuem fé no seu próprio poder, e porque carecem de ambas as coisas é que seguem sendo escravos sem esperança.

Os trabalhadores, como ocorreu depois do levante de Dezembro, estarão submetidos a um total afastamento moral e intelectual e por isso estarão condenados a uma completa impotência. Ao mesmo tempo, para deixar as massas trabalhadoras perdidas, uma pouca centena, quiçá poucos milhares dos elementos mais enérgicos, inteligentes, convencidos e mais fervorosos, serão presos e deportados para Caiena, como se fez em 1848 e 1851.

E o que as massas desorganizadas e perdidas farão? Comerão pastagem e, fustigadas pela fome, trabalharão furiosamente para enriquecer seus patrões. Devemos esperar muito tempo antes que o povo trabalhador, reduzido a tal estado, inicie uma revolução!

Mas se apesar desse miserável estado, o proletariado francês se rebelde - conduzido pela energia francesa que dificilmente possa se resignar à morte, e também, e em maior medida, pelo desespero -, então os últimos modelos de fuzis serão postos em uso para fazer os trabalhadores recobrem a razão. Claramente, estes, frente à tão terrível argumento, ao que não terão contraposto de organização, inteligência,

---

<sup>2</sup> Alusão à guerra franco-prussiana de 1870-71.

nem vontade coletiva mas senão unicamente a força despojada de seu desespero, se sentirão mais impotentes que nunca.

E então? Então, o socialismo francês deixará de se contar entre as forças ativas que impulsionam o movimento e a emancipação do proletariado da Europa. Quiçá restem na França, escritores socialistas e jornais socialistas, se o novo governo e o chanceler da Alemanha, o conde Bismark, ainda os tolerem. Mas nem os autores, nem os filósofos, nem suas obras, nem sequer os jornais socialistas constituem um socialismo vivo e poderoso. Este se torna real só no instinto revolucionário, na vontade coletiva e na organização das próprias massas trabalhadoras. E quando esse instinto, essa vontade e essa organização faltam, os melhores livros do mundo não são mais que teorizações no vazio, sonhos impotentes.

## Revolução e violência revolucionária

As revoluções não são jogos de crianças, não são debates acadêmicos nos que só se despejam as vaidades, nem justas literárias nas que só se derrama profusamente tinta. Revolução significa guerra e isso implica na destruição de homens e coisas. É de se lamentar, é claro, que a humanidade não tenha inventado um meio mais pacífico para o progresso, mas até agora cada passo adiante na história só tem sido alcançado a custa de muito sangue. Sobre este aspecto, a reação dificilmente pode fazer reprovação à revolução; esta sempre perdeu mais sangue.

Toda revolução política que não tenha como propósito imediato e direto a igualdade econômica, é desde o ponto de vista dos interesses e direitos populares, só uma reação hipócrita e encoberta.

De acordo com a opinião quase unânime dos socialistas alemães, a revolução social deverá preceder uma revolução política. Isto, no meu entender é um erro importante e fatal porque toda revolução política prévia a uma revolução social - em consequência, sem esta última - será necessariamente uma revolução burguesa. E uma revolução burguesa só pode levar a um socialismo burguês, isto é, está destinada a terminar em uma nova exploração - mais hipócrita e mais hábil, mas não menos opressora - do proletariado pela burguesia.

O mundo burguês poderá submeter e logo escravizar as forças rebeldes do povo para obrigar as massas trabalhadoras, mediante o poder do Knut<sup>3</sup> e das baionetas, a seguir trabalhando como até agora e isto conduzirá diretamente ao reestabelecimento do Estado sob sua forma mais natural: Uma ditadura militar ou uma democracia burguesa. Por bem as massas trabalhadoras romperão definitivamente o jugo odioso e secular e destruirão, até a raiz, a exploração burguesa e a civilização burguesa baseada na exploração. Isso seria o triunfo da revolução social, a abolição do Estado.

O Estado e a revolução social são dois polos opostos, cujo antagonismo constitui a essência da vida social da Europa.

A revolução social deve por fim ao velho sistema baseado na violência e dar plena liberdade às massa, aos grupos, comunas e associações, e também aos mesmos indivíduos, destruindo de uma vez por todas a causa histórica de todas as violências: O poder e a existência do Estado. A queda do Estado arrastará consigo todas as iniquidades do direito jurídico e também todas as falsidades das religiões, pois estas não são mais que a consagração complacente, ideal e real, de todas as violências representadas, garantidas e fomentadas pelo Estado.

No seio do proletariado - primeiro no francês e no austríaco, logo nos dos demais países da Europa - começou-se a cristalizar uma tendência completamente

---

<sup>3</sup> (N. do T. ES) Tratamento de suplício russo.

nova que se propõe abolir de forma direta toda forma de exploração e todo tipo de opressão política, jurídica e também governamental; isto é, se propõe a abolir todas as classes por meio da igualdade econômica e do desaparecimento do seu último baluarte: O Estado.

Tal é o programa da Revolução Social.

Por conseguinte, na atualidade existe, em todos os países civilizados do mundo, um único problema: A emancipação total e definitiva do proletariado da exploração econômica e da opressão social do Estado. Claramente, este problema não poderá se resolver sem uma luta terrível e sangrenta, em vista dessa situação, o direito e a importância de cada nação dependerá da orientação e do caráter e o grau de participação nessa luta.

A Revolução Social, pois, não pode se limitar a um só povo; é internacional por sua essência.

Sob a organização histórica, jurídica, religiosa e social da maioria dos países civilizados, a emancipação econômica dos trabalhadores é uma impossibilidade terminal e em consequência, a fim de conseguir e levar a cabo plenamente esta emancipação, é necessário destruir todas as instituições modernas: O Estado, a igreja, as cortes, a universidade, o exército, a polícia, pois são muralhas erigidas pelas classes privilegiadas contra o proletariado. E não basta tê-las destruído em um só país; é essencial destruí-las em todos os países, pois desde o surgimento dos Estados modernos, nos séculos XVII e XVIII existiu entre esses países e essas instituições uma solidariedade cada vez maior e também poderosas alianças internacionais.

As revoluções não se improvisam. Não são realizadas a vontade por indivíduos separados, nem sequer pelas agrupações mais poderosas. Produzem-se pela força das circunstâncias e são independentes de qualquer conspiração ou desejo deliberado. Podem ser previstas, mas nunca se pode acelerar seu início.

A época das grandes figuras políticas passou. Quando se tratava de empreender revoluções políticas, esses indivíduos tinham seu lugar, pois a política tem por objetivo a fundação do Estado e sua conservação e quem diz “Estado” diz dominação e submissão. Os grandes personagens dominantes são absolutamente necessários em uma revolução política; em uma revolução social não são somente inúteis, mais positivamente prejudiciais e incomparáveis com o propósito essencial dessa Revolução: A emancipação das massas. Na atualidade, tanto na ação revolucionária como nos sindicatos, o coletivo deve prevalecer sobre o individual.

Em uma revolução social - oposta diametralmente, em todo sentido, de uma revolução política - , as ações individuais são praticamente nulas, no entanto a ação espontânea das massas o é tudo. Tudo o que podem fazer os indivíduos separados é elaborar, clarear e propagar ideias que respondem ao instinto popular, aportando seus incessantes esforços à organização revolucionária das massa, mas nada mais que isso; o resto pode e deve ser realizado pelas massas.

A fim de que, no momento em que a revolução estoure com todo seu poder, exista uma força real - bem encaminhada e que em virtude dele, seja capaz de organizar a revolução e de dar-lhe uma orientação benéfica para o povo - é necessária uma organização internacional séria das associações de trabalhadores de todos os países, capaz de substituir os Estados e a burguesia.

A bancarrota geral e privada é a primeira condição para que se dê uma revolução social e econômica.

Mas os Estados não se derrubam por si sós, não poderão ser destruídos mais que pela revolução de todos os povos e de todas as raças, pela revolução social internacional. Organizar as forças do povo para realizar essa Revolução: Eis aqui o único fim dos que desejam sinceramente a emancipação.

A iniciativa no novo movimento pertencerá ao povo; na Europa ocidental, aos trabalhadores fabris e urbanos; na Rússia, Polônia e a maioria dos países eslavos, aos camponeses.

Mas para que os camponeses se rebelem, é absolutamente necessário que a iniciativa neste movimento revolucionário parta dos trabalhadores urbanos, pois são quem reúnem os instintos, as ideias e a vontade consciente da Revolução Social. Por conseguinte, todos os perigos que ameaçam o Estado provêm do proletariado urbano.

A transformação social à que aspiramos com todo nosso sentimento é um grande ato de justiça, que encontra seu sentido na organização racional da sociedade com igualdade de direito para todos.

Em nenhum outro país é tão iminente a Revolução Social como na Itália, nem sequer na Espanha, apesar de que esteja em marcha uma revolução oficial. O povo espera na Itália uma transformação social e a aspira conscientemente.

Nem da Itália nem da Espanha pode se esperar uma política de conquista; pelo contrário, alguém pode esperar uma revolução social, em ambos os países, em um futuro próximo.

Na Inglaterra, a Revolução Social está mais próxima do que se espera e em nenhuma parte será tão terrível, porque em nenhuma outra parte encontrará uma resistência tão encarniçada e tão bem organizada.

É possível afirmar que a necessidade de uma revolução econômica e social é sentida intensamente na atualidade pelas massas europeias e isto é precisamente o que nos dá fé no triunfo próximo da Revolução Social. Pois se o interesse coletivo das massas não se pronuncia por si mesmo muito claro, profundo, nenhum socialista do mundo, ainda que um homem genial, seria capaz de conseguir que essas massas se rebelem.

Historiadores e juristas ainda não compreenderam essa verdade simples, cuja explicação e confirmação puderam encontrar em cada página da história, pois é sa-

bido que para fazer inofensiva toda força política, para apaziguá-la e submetê-la, não há mais que um meio: Sua destruição completa; que na política, como no círculo onde lutam as forças e fatos, ainda que continue sendo uma força verdadeira, ainda que esteja separada, ou seja, contrária a vontade dos soberanos e de outras autoridades que a dirija, deve tender constantemente à realização de seus próprios fins em virtude de sua natureza essencial e do perigo de autodestruição.

O predomínio e o triunfo incessante da força: Esse é o núcleo do assunto e tudo o que se denomina direito na linguagem política não é mais que a consagração do fato criado pela força. Claramente, o povo, ainda ansiando veementemente sua emancipação, não espera obtê-la do triunfo teórico do direito abstrato; deve conquistá-la pela força e com esse fim deve se organizar fora do Estado e contra ele.

O triunfo fácil e sem precedentes das rebeliões populares contra o exército em quase todas as capitais da Europa, que marcou o advento da revolução de 1848, foi prejudicial para os revolucionários não só da Alemanha, mas também dos demais países, porque suscitou neles a ingênua segurança de que bastaria a menor manifestação popular para romper toda resistência armada do poder militar. A causa dessa convicção, os prussianos, e em geral os revolucionários e democratas alemães, acreditaram que seriam capazes por si mesmos de manter o governo em um estado de temor permanente ante a ameaça de uma rebelião popular e não viram que era necessário organizar, dirigir e estimular os sentimentos revolucionários das forças populares.

Em troca, até os burgueses mais revolucionários temiam - conseqüentemente com sua origem - esses sentimentos e essas forças e, se estes chegavam a se mostrar, estavam dispostos a apoiar o Estado para defender a ordem estabelecida, pois consideravam que quanto mais longe estivesse a rebelião popular, mais tranquilidade eles teriam.

Assim foi como os revolucionários oficiais da Prússia e da Alemanha menosprezaram o único meio que possuíam para obter uma vitória definitiva e eficaz contra a reação que surgia novamente. Não só desdenharam do problema da organização de uma revolução popular, mas que trataram de conciliar e de pacificar, aniquilando deste modo a única arma poderosa que dispunham.

É possível fazer justiça sem usar da violência? Mas cuidado! Um problema resolvido em termos de força segue sendo um problema.

Mas se a força não pode conseguir justiça para o proletariado, o que é capaz de consegui-la? Um milagre? Não cremos em milagres e quem fala de milagres ao proletariado são mentirosos e corruptores.

A consciência da justiça de sua causa resulta indubitavelmente vital para o proletariado, para organizar seus membros em uma força capaz de alcançar o triunfo. E o proletariado não carece hoje dessa consciência. Onde todavia falte entre os trabalhadores, é nosso dever formulá-la, pois essa justiça é irrefutável ainda que aos olhos de nossos adversários. Mas a mera consciência de tal justiça não basta; é ne-

cessário que o proletariado some a ela a organização de suas próprias forças, pois já ficou para trás a época em que os muros de Jericó se derrubavam ao som de trombetas; hoje, para poder lutar é necessária a força.

Dizemos aos trabalhadores: A injustiça de sua causa é indubitável, só podem negá-la os canalhas. O que lhes falta, sem dúvida, é a organização de suas próprias forças. Organizem essas forças e derrubem tudo o que se interpõe no caminho da justiça. Comecem derrocando a todos aqueles que os oprimem. E logo, assegurada a vitória e destruído o poder do inimigo, mostrem-se humanos com os inimigos vencidos, desarmados e inofensivos; reconheçam-os como irmãos e os convidem a viver, trabalhar junto aos trabalhadores na busca e no alicerce da igualdade social.

Os trabalhadores são muitos, mas o número nada significa se as forças não estão organizadas.

O que é, na verdade, o que observamos? Os movimentos espontâneos das massas populares, inclusive movimentos tão importantes como o de Palermo em 1866 e o movimento ainda mais imponente, dos camponeses de muitas províncias contra as iniquidades da lei *de macinato* (importo sobre o moinho), nunca encontram simpatia, ou encontram muito pouca, na juventude revolucionária da Itália. Se o último movimento estivesse bem organizado e orientado por pessoas inteligentes, poderia ter produzido uma formidável revolução.

Carecendo de organização e de rumo, terminou no fracasso.

Afortunadamente, o proletariado das cidades - sem excetuar aqueles que juram pelos nomes de Mazzini e Garibaldi - , nunca poderá converter-se completamente às ideias de Mazzini e Garibaldi. Aos trabalhadores não sucederá isso, simplesmente porque eles, oprimidos, despojados, maltratados, paupérrimos e cheios de fome, possuem a lógica inerente ao seu papel histórico.

Em uma revolução social, todos são socialistas, com exceção de uns poucos indivíduos, devido a certa astúcia, oportunismo ou fraude de sua parte, ingressaram ou esperam ingressar nas fileiras da burguesia.

Se se organizaram com este fim em toda Itália, harmoniosa e fraternalmente, sem reconhecer outros dirigentes que sua própria juventude coletiva, dentro de um ano não existiriam mais trabalhadores: seriam todos revolucionários socialistas, e além disso patriotas, mas no sentido mais humano da palavra. Seriam simultaneamente patriotas e internacionalistas. Criariam assim uma base irremovível para o futuro da Revolução Social.

Organizem o proletariado das cidades em nome do socialismo revolucionário, e ao fazê-lo, o uma ao campesinato. Só a rebelião do proletariado urbano não basta; com ele obteríamos uma mera revolução política que produziria necessariamente uma reação natural e legítima por parte dos camponeses, e essa reação por parte deles, ou simplesmente sua indiferença, sufocaria a Revolução das cidades, como aconteceu há pouco tempo na França.

Só uma ampla e envolvente revolução que abarque tanto os trabalhadores urbanos quanto os camponeses seria o suficientemente forte para derrubar e romper o poder organizado do Estado, respaldado como está por todos os recursos das classes proprietárias. Mas uma revolução que abarque tudo - isto é, uma Revolução Social - é uma revolução simultânea do povo das cidades e do campo. Essa é a classe de revolução que deve se buscar, pois sem uma organização preparatória os elementos mais poderosos tornam-se insignificantes e impotentes. Os sindicatos criam esse poder consciente sem o qual é impossível qualquer vitória.

## Métodos do período preparatório

Para estabelecer certa coordenação no atuar - coordenação que em minha opinião é resultado necessário entre pessoas responsáveis que perseguem a mesma meta - se requerem certas condições, um conjunto definitivo de regras que sejam iguais para todos, certo acordo e compreensão que devem se renovar com frequência. Sem elas, até as pessoas mais responsáveis poderiam chegar a anular os esforços dos demais. A consequência seria então a desarmonia e não a harmonia e confiança no que nos propomos.

Um tem que saber como, quando e onde encontrar o outro e a quem se pode recorrer para conseguir uma possível cooperação. Não somos ricos, e somente quando unamos e combinemos nossos meios e ações poderemos criar o capital (o poder de organização) capaz de enfrentar o capital combinado (forças combinadas) de nossos adversários. Um pequeno capital bem organizado é de maior valor que um grande, mas desorganizado e mal aplicado.

Não quero a ditadura de um capitalista, ou de um grupo de capitalistas, nem de um mercado sobre outro.

Quero ver ordem e serena confiança em nosso trabalho, o que não deve ser resultado dos ditames de uma vontade única, mas da vontade bem organizada de todos nossos camaradas dispersos em vários países. Isto significa que devemos substituir o governo centralizado pela ação anônima, mas poderosa, de todas as partes. Mas, a fim de que essa descentralização seja possível, é necessário contar com uma verdadeira organização e esta não pode existir sem certo grau de regulamentação, a que é, depois de tudo, simplesmente, o produto de um acordo ou contrato mútuo.

Três homens unidos em uma organização já formam, em minha opinião, um importante princípio de poder. Que sucederá quando conseguem vários centos de seguidores em todo o país? Vários centos de jovens bem intencionados mas distantes do povo não forma, claro, uma adequada força revolucionária.

Até ele parece ter advertido essa verdade, pois agora dirige diretamente as massas de trabalhadores. Mas esses vários centos bastam para organizar o poder revolucionário popular.

O único exército é o povo, todo o povo, tanto da cidade quanto do campo. Mas, como arregimenta-los? Na cidade tropeçarão com o governo, com a burguesia. No campo interferirão os sacerdotes. Não obstante, queridos amigos, existe um poder que é capaz de superar tudo isso. É o poder do coletivo. Se estivessem isolados, cada um se visse forçado a atuar por própria conta, seguramente seriam impotentes, mas estando e organizando suas forças, por menores que sejam no começo, na ação conjunta, estando conduzidos por um pensamento e uma atividade comuns e lutando por uma meta comum, serão invencíveis.

Na atualidade, tanto na ação revolucionária como no trabalho comum, os grupos estão destinados a substituir o individual.

Pensarão, viverão e atuarão coletivamente, e isto, sem dúvidas, não impedirá o desenvolvimento individual. Cada um aportará sua própria capacidade e, ao unir-se, todos aumentarão seu valor centenas de vezes. Tal é a lei da ação grupal.

O sentimento de rebeldia, esse orgulho satânico que repudia submeter-se a qualquer amo, seja divino ou humano, produz no homem amor pela independência e pela liberdade.

A insurreição popular, por sua natureza, é espontânea, caótica e sem piedade; supõe sempre a destruição de sua propriedade e da alienação. As massas populares estão sempre dispostas a sacrificarem-se e o que as converte em uma força dura e selvagem, capaz de atos heroicos e de objetivos aparentemente impossíveis, é que possuem muito pouco e com frequência absolutamente nada e que, portanto, não estão corrompidas pelo desejo de propriedade. Se a vitória ou a defesa o exigem, não se deterão nem ante a destruição de suas aldeias e, posto que além disso a propriedade não está em seu poder, podem chegar a evidenciar uma verdadeira paixão pela destruição.

Esta paixão destrutiva, sem dúvidas, está longe de se elevar à altura da causa revolucionária, mas sem ela a revolução seria impossível, porque não pode haver verdadeira revolução sem uma destruição envolvente e apaixonada, uma destruição benéfica e fecunda, pois só dela nascem e surgem mundos novos.

Mas não se pode destruir nada sem ter ao menos uma concepção remota - ainda que verdadeira ou equivocada - de uma nova ordem que suceda a existente. Quanto mais vividamente se visualiza o futuro mais poderosa é a força de destruição. E quanto mais se aproxima essa visão, isto é, quanto mais se adequa ao desenvolvimento necessário do mundo social atual, mais benéficos e úteis resultam os efeitos da ação destrutiva. Pois a ação destrutiva está sempre determinada - não só em sua essência e grau de intensidade mas também nos meios que emprega -, pelo ideal concreto, que é sua inspiração inicial, sua alma.

Se a Internacional estivesse integrada unicamente por seções centrais, estas provavelmente conseguiriam até agora formas conspiratórias para derrubar a ordem estabelecida, mas tais conspirações se limitariam a meros intentos pois seriam impotentes para conseguir seu fim e nunca atrairiam mais que a um pequeno número de trabalhadores, os mais inteligentes, os mais enérgicos, os mais convencidos e os mais fervorosos. Dessa maneira, a imensa maioria, os milhões de proletários, ficariam fora de tais conspirações, mais para destruir e terminar com a ordem social e política que atualmente nos esmaga será necessário contar com a cooperação de todos.

O sistema atualmente dominante é forte por sua ideia e por sua moral, das quais carece totalmente, mas por toda a organização já assegurada, burocrática, militar e policial do Estado, e pela ciência e a riqueza das classes interessadas em respal-

dá-lo. E uma das ilusões mais tenazes e ridículas de Mazzini é, precisamente, a fantástica ideia de que será possível esmagar esse poder com a ajuda de um punhado de jovens pobremente armados. Ele sustenta e deve sustentar essa ilusão porque, enquanto seu sistema lhe proíbe recorrer a uma revolução empreendida pelas grandes massas populares, não lhe aparece outra forma de ação que as conspirações de pequenos grupos de jovens.

O povo, guiado pelo seu admirável sentido prático e por seu instinto, compreendeu que a primeira condição de sua emancipação verdadeira, ou de sua humanização é, antes de tudo, uma mudança radical em sua situação econômica. O problema do pão diário foi, com justiça, o primeiro para ele, pois, como assinalou Aristóteles, o homem necessita, para pensar, para se sentir livre, para converter-se em homem, achar-se liberto das preocupações da vida material. Sobre isso, o burguês, que vocifera tanto contra o materialismo do povo e prediz as abstenções do idealismo, sabe bem que é assim, posto que o prediz com a palavra, e não com o exemplo.

O segundo problema é o do ócio depois do trabalho, uma condição indispensável à humanidade. Mas o pão e o ócio nunca foram conseguidos sem uma transformação radical da sociedade e isso implica por que a revolução, levada pelas implicações de seu próprio princípio, deu nascimento ao socialismo.

À parte do grande problema da emancipação completa e definitiva dos trabalhadores mediante a abolição do direito de herança e dos Estados políticos e mediante a organização da propriedade e a produção coletivas, conjuntamente com outros meios que posteriormente serão examinados pelo congresso da Internacional, a seção da Aliança empreenderá o estudo de todos os meios provisionais ou paliativos que possam aliviar, ao menos em parte, a situação atual dos trabalhadores e tratará de levá-los à prática.

O primeiro problema para o povo é sua emancipação econômica, pois engendra direta e necessariamente sua emancipação política, a que segue a emancipação intelectual e moral. Por isso aderimos plenamente à resolução adotada pelo congresso de Bruxelas de 1867:

“Reconhecendo que pelo momento é impossível organizar um sistema racional de educação, o congresso insiste as suas distintas seções a organizar cursos de estudos que sigam um programa de educação científica, profissional e industrial, ou seja, um programa de instrução integral para remediar tanto quanto seja possível a falta de educação científica, profissional e industrial, compreende perfeitamente que deve se considerar uma condição prévia e indispensável uma redução das horas de trabalho”.

A Aliança da qual falarei adiante é completamente diferente da Aliança Internacional da Democracia Socialista. Não é mais uma organização internacional, e sim uma seção separada da Aliança da Democracia Socialista de Gênova, reconhecida em Julho de 1869 pelo conselho geral como seção regular da Internacional. A me-

lhora resposta que posso dar a nossos detratores, quase se atrevem a dizer que queremos dissolver a Associação Internacional dos Trabalhadores, são as novas regras:

“Artigo V - O exército constante e real da solidariedade concreta entre os trabalhadores de todos os ofícios, incluindo, claramente, os trabalhadores do campo, é a mais firme garantia de sua iminente libertação. Observar essa solidariedade nas manifestações dos trabalhadores, tanto públicas como privadas, e em sua luta contra o capital burguês será considerado o supremo dever de todo membro da seção da Aliança da Democracia Socialista. Qualquer membro que deixe de cumprir com esse dever, será expulso imediatamente”.

Mas, sem se deixar atrair pelas vozes de sirene da burguesia e dos socialistas burgueses, os trabalhadores devem centrar principalmente seus esforços na resolução do imenso problema da emancipação econômica, que deve ser a origem de todos os demais.

As notícias destacadas dos movimentos operários europeus podem se resumir em uma palavra: Greves. Na medida em que avançamos, continuam se difundindo as greves. O que isso significa? Significa que a luta entre as classes trabalhadoras e o capital se aprofunda mais e mais, que cada dia aumenta o caos econômico e que marchamos a grandes passos até o final inevitável desse caos: A Revolução Social. Com toda certeza, a emancipação dos trabalhadores poderia se dar sem violência se a burguesia tivesse por sua própria iniciativa em 4 de Agosto<sup>4</sup>, se estivesse disposta a renunciar seus privilégios e a devolver aos trabalhadores seus direitos sobre o capital. Mas o egoísmo e a cegueira burguesas são tão inveteradas que alguém seria muito otimista esperando que o problema social pudesse ser solucionado mediante um mútuo entendimento entre os privilegiados e os despossuídos. Por conseguinte, é do excesso de caos que se pode esperar o surgimento de uma nova ordem social.

Quando as greves começam a crescer em alcance e intensidade e se difundem de um lugar a outro, é porque as circunstâncias estão maduras para uma greve geral. Se esta se produzisse neste momento, no que o proletário está profundamente imbuído das ideias de emancipação, só poderia levar a um grande cataclismo que regenerará a sociedade. Indubitavelmente não alcançamos ainda este ponto, mas tudo nos conduz à ele. Só é necessário que o povo esteja sobre aviso e que não deixe chantagear, por charlatães, sedutores e fantasiosos. Por esta razão é que deverá formar de antemão uma organização forte e responsável.

Quem não sabe os sofrimentos e sacrifícios que custa cada greve dos trabalhadores? Mas as greves são necessárias; na realidade, são tão necessárias que sem elas seria impossível impulsionar as massas à luta e também seria impossível organizá-las. Greve significa rebeldia, e as massas só se organizam na rebelião e devido à ela; a rebelião empurra o trabalhador comum a sair de sua existência monótona, a

---

<sup>4</sup> Refere-se à data em que os nobres e o clero francês argumentaram na Assembleia de Paris a renúncia de seus direitos feudais

romper seu isolamento sem sentido, sem alegria e sem esperança. A rebeldia faz que todos os trabalhadores se unam em nome de uma mesma paixão e da mesma meta; mais clara e perceptível convence a todos da necessidade de uma organização rigorosa para alcançar a vitória. As massas sublevadas são como metal ígneo; se fundem em uma massa contínua que toma forma muito mais facilmente que o metal frio, ainda que haja bons operários que saibam como modelá-la.

As greves despertam nas massas todos os instintos sociais e revolucionários que habitam profundamente o coração de cada trabalhador e constituem, por assim dizer, sua existência sócio fisiológica. Mas, comumente, estes instintos são percebidos conscientemente por muitos poucos trabalhadores, ainda que a grande maioria está esmagada por hábitos servis e por um espírito de resignação geral. Mas quando esses instintos, estimulados pela luta econômica, despertam nas multidões entusiasmadas, a propaganda das ideias sociais e revolucionárias que se torna mais fácil, pois elas são simplesmente a expressão mais pura dos instintos populares. Na medida em que não correspondem a esses instintos, serão falsas e, na medida em que sejam falsas, serão necessariamente rechaçadas pelo povo. Mas se tais ideias chegam como uma expressão honesta dos instintos, se representam o pensamento genuíno do povo, logo embargarão as multidões sublevadas e, uma vez encontrado o caminho, velozmente se encaminharão a sua plena realização.

Toda greve é valiosa porque amplia e aprofunda cada vez mais a brecha que separa a classe burguesa das massas populares e demonstra assim, da maneira mais evidente, que seus interesses são absolutamente incompatíveis com os interesses dos capitalistas e dos possuidores da propriedade. As greves são valiosas porque destroem na mente das massas escravizadas e exploradas a possibilidade de efetuar tratados ou conciliações com o inimigo; destroem a raiz do que se chama socialismo burguês, mantendo a causa do povo livre de qualquer confusão nas combinações econômicas e políticas das classes proprietárias. Não há meio melhor que uma greve para isolar os trabalhadores da influência burguesa.

Sim, as greves possuem um enorme valor; criam, organizam e formam o exército dos trabalhadores, exército que está destinado a romper o poder da burguesia e do Estado e a dar fundamento a um mundo novo.

Vós sabeis que existem duas classes de cooperação: A cooperação burguesa, que tende a criar uma classe privilegiada, uma espécie de nova burguesia coletiva organizada em uma sociedade de acionistas, e a verdadeira cooperação, que é a socialista do futuro e que pôs essa mesma razão é praticamente irrealizável no presente.

Enquanto os socialistas revolucionários, convencidos de que o proletariado não poderá libertar-se sob a atual lógica econômica da sociedade, exigem a desaparecimento desta organização social e principalmente a abolição da propriedade hereditária e pessoal, os socialistas burgueses querem, em troca, conservar todas as bases principais e essenciais da ordem econômica existente, pois sustentam que, até sob esta ordem e nestas condições sociais necessárias para o êxito da civilização burguesa, os

trabalhadores podem libertar-se e melhorar substancialmente sua situação material, por obra do poder milagroso da livre associação.

Conseqüentemente, propõem aos trabalhadores, como únicos meios de salvação, a formação de mutuais, bancos sindicais e associações cooperativas de produtores e consumidores. Ao mesmo tempo, lhes suplicam que não acreditem nos revolucionários utópicos, quem, em verdade, lhes prometem uma igualdade impossível e consciente ou inconscientemente os arrastam à ruína e a perdição definitivas.

A experiência de vinte anos na Inglaterra, França e Alemanha, - a única experiência prolongada que os movimentos cooperativos podem invocar como respaldo -, demonstrou por último que o sistema cooperativo, que leva em si o germe da ordem econômica futura, não é capaz de libertar os trabalhadores sob as condições atuais nem de melhorar sequer sua situação. A famosa associação dos trabalhadores de Rochdale na Inglaterra, que causou tanta revolta e impulsionou a que em outros países tentou-se tantas vezes copiá-la terminou por engendrar uma nova burguesia coletiva que não tinha escrúpulos em explorar aos trabalhadores que não pertenciam a suas cooperativas.

Os trabalhadores ingleses, com seu grande sentido prático, já chegaram a ver a impossibilidade de concretizar o sistema cooperativo sob as condições existentes de predomínio do capital burguês no processo de produção e na distribuição da riqueza. Ensinados pela experiência, os trabalhadores mais enérgicos e mais adiantados da Inglaterra, se unem atualmente nos chamados sindicatos, formados não com vistas à organização definitiva da produção, o que ainda não seria possível, dada as condições existentes, mas à organização dos trabalhadores contra o mundo privilegiado dos “senhores bem nascidos”

Na Alemanha há atualmente cinco mil associações operárias de todo tipo, formadas principalmente por Schulze-Delitzsch, Hirsh, Dunker, e outros seguidores de Schulze, e podemos dizer, ao longo da experiência de tantos anos, que o resultado de sua existência é praticamente nulo. A situação dos trabalhadores alemães não melhorou nem um pouco; pelo contrário, respondendo a uma lei econômica determinada, segundo a qual a pobreza da classe trabalhadora aumenta na mesma medida em que o capital burguês cresce e se concentra em menos mãos, a situação dos trabalhadores alemães, e da mesma forma dos de outros países, piorou consideravelmente.

Na atualidade, a imensa maioria dos trabalhadores alemães deram as costas às cooperativas do tipo de Schulze-Delitzsch e de Max Hirsh para unirem-se em grande número as organizações ativas de luta, a antiga associação de Lassalle ou a nova associação Socialdemocrata.

Do ponto de vista econômico, e como é evidente para todos, o sistema de Schulze-Delitzsch tendia diretamente a preservar o mundo burguês contra a tempestade social; enquanto do ponto de vista político, tendia a submeter completamente o

proletariado a exploração da burguesia, em cujas mãos não seriam mais que um instrumento obediente e estúpido.

Contra este duplo e todo engano Ferdinand Lassalle se levantou. Foi-lhe fácil demolir o sistema de Schule-Delitzch e demonstrar também a insustentabilidade de seu sistema político. Ninguém senão Lassalle pode explicar e demonstrar tão convincentemente aos trabalhadores alemães que sob as condições econômicas atuais a situação do proletariado não poderia melhorar em nenhum aspecto; pelo contrário, em virtude da inevitável lei econômica, pioraria de ano em ano, apesar das efêmeras vantagens e temporais que as cooperativas pudessem disponibilizar a um número ínfimo de trabalhadores.

Ao destruir o programa político de Schulze-Delitzsch, Lassalle demonstrou que toda essa política pretensamente popular só tendia a consolidar os privilégios econômicos da burguesia.

Na França o sistema cooperativo fracassou estrepitosamente.

Ninguém mais pensa nem acredita nas cooperativas como meio de salvação e todas as agrupações operárias existentes na França se encaminham para uma grande mudança e a associar-se em uma imensa união federada para sustentar a luta revolucionária contra o capital.

Os economistas liberais e os socialistas científicos concordam em sua crítica das cooperativas. Concordam que não podem resistir a competência do grande capital

O socialismo pacífico, o socialismo cooperativo burguês, está condenado e na atualidade praticamente extinguido. A experiência demonstrou que não pode se concretizar e, com anterioridade, também as análises teóricas haviam demonstrado sua impossibilidade.

Os economistas sérios de duas escolas opostas - a escola liberal e a dos comunistas científicos -, que diferem em todos os pontos e concordam somente em um, formularam desde muito tempo sua convicção (uma delas baseando-se na ciência, isto é, em um estudo rigoroso do movimento cooperativo e do desenvolvimento dos fatos econômicos), de que, sob a atual organização da economia social e da produção de bens, e o incremento, a concentração e o domínio do capital que deriva necessariamente dessa organização econômica, nenhum esforço por parte das agrupações operárias será capaz de libertar o trabalho do jugo opressivo do capital; e que os bancos sindicais, sustentados unicamente pelas pequenas dificuldades dos trabalhadores, nunca serão capazes de resistir a competência dos poderosos bancos burgueses, internacionais e oligárquicos.

Também chegaram, faz muito tempo, à conclusão de que frente ao aumento da oferta de mão de obra e de estômagos famintos, incremento que e acelera como resultado da contradição do capital em menos mão e da conseguinte proletarização das camadas baixas, e inclusive das novas camadas da burguesia, os trabalhadores,

para escapar da morte por inanição, estão obrigados a competir entre si, levando os salários até o limite da subsistência; portanto, todas as agrupações operárias cooperativas, ao diminuir os preços dos principais artigos de suas listas, devem necessariamente reduzir a escala de salários, piorando assim a situação dos trabalhadores.

Os economistas demonstram, assim mesmo, que as associações de produtores dão resultado só naqueles ramos da indústria não monopolizadas pelo grande capital, pois nenhuma associação operária pode competir com este na produção em larga escala. E na medida em que o grande capital, por uma necessidade que lhe é inerente, faz o possível para conseguir o controle de todos os ramos da indústria, o destino final das associações de produtores será o mesmo que o da pequena e média burguesia: A miséria geral e o escravizado submetido ao capital oligárquico burguês e a absorção de qualquer tipo de propriedade pequena ou média pela grande propriedade, patrimônio de umas poucas centenas de afortunados em toda Europa.

A liberdade de explorar o trabalho do proletariado, obrigado a vender-se ao capital a preço mais baixo possível, obrigado não por uma lei política ou civil qualquer, mas pela ameaça da fome, não teme a competência das associações de trabalhadores, seja de produtores ou consumidores, ou de mutuais de crédito, pela simples razão de que as associações de trabalhadores, reduzidas aos seus próprios meios, nunca serão capazes de reunir o capital necessário para lutar contra o capital burguês.

As sociedades de consumidores, organizadas em pequena escala, podem contribuir a melhorar o penoso destino dos trabalhadores, mas apenas comecem a crescer, apenas consigam baixar os preços dos artigos de primeira necessidade, trarão como consequência inevitável uma queda na escala de salários.

Alianças políticas e colaboracionismo entre as classes. A que preço? A confiança produz união e a união cria poder.

Essas são verdades que ninguém tentará negar, mas para que possam dominar são necessárias duas coisas: Que a confiança não se converta em loucura e que a união, sincera igualmente para todos, não se torne uma ilusão, uma falsidade ou uma exploração hipócrita. É necessário que todas as partes unidas esqueçam completamente - não para sempre, mas durante o lapso de sua união - seus interesses particulares, esses interesses e propósitos que as dividem em épocas normais, e que se encaminhem para um propósito comum.

Se não for assim, qual seria o resultado possível? O partido sincero se converteria por força em vítima incauta do menos sincero; seria sacrificado não pelo triunfo da causa comum mas em detrimento dela e só se beneficiaria o partido que houvesse explorado hipocritamente essa união.

Para que a união seja um fato e verdadeira, por acaso não é preciso que o propósito que une as partes seja o mesmo? E é isso o que ocorre agora? Pode se dizer que o proletariado e a burguesia querem exatamente a mesma coisa? Claramente que não.

É evidente que o setor socialista revolucionário do proletariado não pode se aliar com nenhuma facção da política burguesa, nem sequer com a facção mais progressista, sem converter-se imediatamente, ainda que contra sua vontade, em um instrumento dessa política.

Se a burguesia e o proletariado franceses perseguem propósitos não somente distintos, mas completamente opostos, por que milagre poderia se estabelecer entre eles uma união sincera e verdadeira? É manifesto que essa conciliação tão louvada e ardente defendida não será mais que uma completa mentira. Foi essa mentira que destruiu a França. Pode se esperar que a mesma mentira volte a viver? Por mais que essa divisão seja condenada, não deixará de existir nos fatos. E como existe, como está condenada a existir pela mesma natureza das coisas, seria infantil, e até mortal do ponto de vista da salvação da França, negá-la e não reconhecer abertamente sua existência. E, além disso, como a segurança da França existe união, o esquecimento, o sacrifício de todos os interesses, de todas as ambições e diferenças pessoais, esqueçam e sacrifiquem, tanto quanto seja possível, todas as diferenças partidárias, mas em nome de uma salvação purificada de todo tipo de ilusões, que seriam funestas; busquem a união unicamente com aqueles que queiram tão séria e apaixonadamente como vós salvar a França a qualquer preço. Quando deve se enfrentar um grande perigo, não é melhor marchar contra ele em pequeno número, mas com a certeza de manter-se unidos na luta, em vez de o fazer junto a uma multidão de falsos aliados capazes de trair na primeira batalha?

## Os jacobinos de 1870 temeram a anarquia revolucionária

A administração imperial, da França napoleônica de 1870, não poderia ser destruída de um sopro, pois seria impossível substituí-la imediatamente por outra. Se isso fosse tentado hoje, aconteceria, em meio um terrível perigo, um período mais ou menos prolongado durante o qual a França se encontraria sem administração e, por conseguinte, sem vestígios de governo, período em que o povo francês, abandonado completamente a si mesmo, seria vítima do completo caos. Isso nos pareceria muito bom para nós, os socialistas revolucionários, mas não entra nos planos dos jacobinos, partidários sem igual do Estado.

Para tomar medidas extraordinárias para o bem da segurança pública, para ter o poder de criar forças novas, de insuflar uma proveitosa energia a uma administração corrompida e a um povo distante de toda iniciativa, é necessário possuir isso que a burguesia de 1792-1793 tinha em grande medida e do que carece absolutamente a burguesia atual, incluindo entre seus representantes mais radicais, os republicanos de hoje. Para fazer tudo isso é necessário possuir uma mente revolucionária, vontade e energias revolucionárias; é necessário ter o anarquismo dentro do corpo.

Fora essas qualidades pessoais, que colocavam uma marca verdadeiramente heroica sobre os homens de 1793, o êxito dos comissários de governo da Convenção Nacional de jacobinos se deveu a que a Convenção em si mesma era genuinamente revolucionária e a que, para excluir a burguesia liberal, ordenou a todos os pró-cônsules enviados às províncias basearem-se, sempre, aonde fossem e estivessem, no povo.

O antagonismo entre a revolução burguesa e a revolução popular ainda não existia em 1793; não existia a consciência popular nem tampouco a consciência da burguesia. A experiência histórica não havia posto ainda de manifesto a verdade eterna de que a liberdade de toda classe privilegiada, incluindo, é claro, a da burguesia, se funda essencialmente na escravidão econômica do proletariado. Essa verdade existiu sempre como fato, como consequência real, mas então estava escurecida por outros fatos e encoberta por tantos interesses e tantas tendências históricas, (em particular tendências religiosas, nacionais e políticas) que, todavia não apareciam claramente para a burguesia.

A burguesia e o proletariado têm sido sempre, sem ter consciência disso, inimigos naturais, eternos e devido a essa ignorância atribuíram, a burguesia, seus terrores, e o proletariado, seus infortúnios, a causas fictícias e não ao seu antagonismo real. Acreditaram ser amigos e devido a essa crença marcharam juntos contra a monarquia, contra a nobreza e contra os sacerdotes. Isso foi o que deu aos revolucionários burgueses de 1793 seu grande poder. Não somente não temeram liberar as paixões populares, mas que as fomentaram por todos os meios a sua disposição,

considerando-as único caminho para salvar o país e salvar a si mesmos da reação interna e do ataque exterior.

Quando um comissário extraordinário, nomeado pela Convenção, chegava à uma província, nunca se dirigiam às pessoas importantes dessa região nem aos revolucionários de luva branca; se dedicava aos sans-culottes, à plebe, e desde dependia, para por em prática contra a vontade dos aristocratas e dos revolucionários "bem alimentados", os decretos da Convenção. O que faziam esses comissários, pois, não tendia a uma centralização ou a formar uma nova administração; pretendiam verdadeiramente suscitar um movimento popular.

Geralmente, não iam a uma província com a intenção de impor ditatorialmente a vontade da Convenção Nacional. Isso acontecia raras vezes, quando entravam em províncias que eram unânimes e decididamente hostis e reacionárias, e em tais casos não iam sozinhos, mas acompanhados por tropas que agregavam a sua eloquência cívica o argumento das baionetas. Mas o mais usual era que fossem sozinhos, sem levar nenhum soldado para apoiá-los, e que buscassem apoio nas massas, cujo instinto invariavelmente coincidia com as ideias da Convenção.

Longe de restringir a liberdade dos movimentos populares por temor à anarquia, os comissários trataram de fomentá-los por todos os meios. O primeiro que faziam era formar um clube popular onde não existisse nenhum. Por serem verdadeiros revolucionários descobriam facilmente seus pares e os uniam para avivar as chamadas revolucionárias, para fomentar a anarquia, para levantar as massas e organizar em linha revolucionária essa anarquia popular. A organização revolucionária era a única administração e a única força executiva que dispunham os comissários extraordinários para revolucionar e comover às províncias.

Tal foi o verdadeiro segredo do poder desses gigantes da revolução a quem os pigmeus jacobinos de nossa época admiram sem conseguir se aproximar deles.

Igualmente a 1792, a França só pode ser salva dos prussianos mediante a um grande levante popular.

O único que pode salvar a França ante os terríveis e mortais perigos que a ameaçam atualmente é um levante selvagem, espontâneo, imponente, apaixonadamente violento, anárquico e destrutivo das massas populares em toda França.

Creio que justamente hoje na França, e provavelmente também em outros países, existem só duas classes capazes de um movimento semelhante: A dos operários e a dos camponeses. Que não se surpreenda que fale dos camponeses. Os camponeses, incluindo os da França, pecam unicamente pela ignorância e não porque careçam de temperamento. Não abusaram de sua vida, nem sequer a usaram, não sofreram o efeito prejudicial da civilização burguesa, que os afetou só superficialmente e por isso conservam o temperamento enérgico e a natureza do povo. A propriedade e o amor, não aos prazeres, mas a usura, os fizeram bastante egoístas, mas não anularam seu ódio instintivo contra os "senhores bem nascidos" e sobretudo contra os latifundiários burgueses, que gozam da renda da terra sem produzi-la com

seu trabalho. Além disso, os camponeses são profundamente patriotas e nacionalistas e fazem um culto da terra, pois possuem paixão por ela; eu creio que nada será mais fácil que incitá-los contra os invasores estrangeiros que querem levar da França duas de suas maiores províncias.

É evidente que para insurgir os camponeses, ganhando-se sua vontade, é necessário usar muita prudência, é necessário se cuidar, ao lhes falar, de formular ideias e de empregar frases que exerçam sobre os trabalhadores urbanos um efeito poderosos, mas que, por haver-lhes chegado aos camponeses por intermédio de reacionários de todo o tipo, desde grandes latifundiários a funcionários estatais e do clero, que se fizeram odiosas e ameaçantes, produzem sobre eles um efeito oposto ao que pretendem. Não, ao falar aos camponeses se deve usar linguagem mais simples, as palavras que melhor correspondam aos seus instintos e a sua compreensão.

Naqueles povos onde existe como prejuízo e hábito fervente o amor platônico e fictício ao imperador, não se deve sequer falar contra ele. É necessário minar nos fatos o poder do Estado e do imperador, mas sem dizer nada contra ele. Creio que, minando a influência, a organização oficial e, na medida do possível, destruindo as pessoas que atuam como funcionários do imperador - prefeitos, juizes de paz, clero, guardas, e chefes de polícia local -, será possível, como no levante de setembro, insurgir os camponeses. É necessário dizer-lhes que os prussianos devem ser expulsos da França - isto compreenderão perfeitamente pois são patriotas - e que para conseguir devem armarem-se, organizarem-se em batalhões de voluntários e marchar contra os invasores.

Mas antes que comecem a fazê-lo, também é necessário que, seguindo o exemplo das cidades - que se desembaraçaram de seus parasitas exploradores e que encarregaram a tarefa aos filhos do povo, aos trabalhadores - os camponeses se livrem assim mesmo dos senhores que os exploram, dos desonram e cultivam a terra com mão de obra assalariada e não com suas próprias mãos. Portanto, é essencial impulsioná-los a se oporem obstinadamente aos notáveis do povo, os funcionários e, se for possível, até mesmo o clero. Deixe-os apoderar-se do que queriam na igreja e das terras que pertencem à igreja, se é que as possui, e deixe-os que temem posse das terras que pertencem a ao estado e também as terras dos grandes latifundiários.

E logo será necessário dizer aos camponeses que, como em todas as partes os pagamentos foram suspensos, eles também devem suspender seus pagamentos, pagamentos de dívidas privadas, impostos e amortizações, até que tenha sido estabelecido uma perfeita ordem; que de outra maneira todo o dinheiro passará para as mãos dos funcionários que os reterão, ou as mãos dos prussianos. Feito isso, deixe-os marchar contra os prussianos, mas primeiro deixe-os organizar-se, unir-se segundo seus princípios da federação, povo com povo e também com as cidades, para brindar-se mútua ajuda e defenderem-se juntos tanto dos prussianos externos como internos.

Neste ponto surge uma interrogação: A revolução de 1792 e 1793 pode dar aos camponeses, não gratuitamente mas a preços muito baixos, as terras pertencente

da nação, à igreja e aos emigrantes nobres, as que haviam sido confiscadas em sua totalidade pelo Estado. Mas agora, se argumentará, a revolução não tem nada para dar aos camponeses. Isto é verdade? Por acaso a igreja e as ordens religiosas não se fizeram novamente ricas devido a tolerância criminal da monarquia legitimista e, sobretudo, do Segundo Império?

Certamente, a maior parte de sua riqueza foi prudentemente resguardada, em previsão de possíveis revoluções. A igreja, se bem preocupada com assuntos celestiais, nunca deixou de lado seus interesses materiais, sendo famosa por suas astutas especulações econômicas, e, sem dúvidas, colocou a maior parte de seus bens terrenos - que continua crescendo dia a dia para maior bem dos pobres e desafortunados -, em todo tipo de empresas comerciais, industriais e bancárias, como assim também em títulos privados de todos os países.

Portanto, produziria uma verdadeira bancarrota universal - que chegará como consequência inevitável de uma Revolução Social Universal - privar à igreja dessa riqueza que hoje constitui o principal instrumento de seu poder, desgraçadamente um poder todavia formidável. E segue sendo não menos verdadeiro que a igreja possui atualmente, em especial nas províncias do Sul da França, imensos feudos e edifícios, assim como ornamentos e prataria que representam verdadeiros tesouros em ouro, prata e pedras preciosas. Bem, tudo isso pode e deve ser confiscado, e não em benefício do Estado mas em benefício das comunas.

Esta é, pois, segundo o meu parecer, a única forma efetiva de influir sobre os camponeses em duas direções: A defesa do país contra a invasão prussiana e a destruição do aparato estatal nas comunas rurais, onde se encontram suas principais raízes. E, conseqüentemente, até a Revolução Social.

Só mediante este tipo de propaganda, só mediante uma revolução social assim compreendida, pode alguém lutar contra o espírito reacionário dos povos, pode alguém conseguir superá-lo e transformá-lo em um espírito revolucionário.

As supostas simpatias bonapartistas dos camponeses franceses não me alarmam. Tais simpatias são simplesmente sintomas superficiais do instinto socialista desviado pela ignorância e explorado pela malícia, uma enfermidade de pele que cederá ao heroico tratamento do socialismo revolucionário. Os camponeses não se desfarão de suas terras, de seu dinheiro nem de sua vida para conservar o poder de Napoleão III, mas de bom grado darão, para este fim, a vida e a propriedade de outros, pois detestam esses outros. Abrigam o ódio supremo, totalmente socialista, dos homens de trabalho contra os homens do ócio, contra os “senhores bem nascidos”.

Se queremos ser práticos, se, cansados de ilusões, resolvemos lutar de forma mais séria para efetuar uma revolução, teremos que começar por libertar-nos nós mesmos de muitos prejuízos burgueses, doutrinários, que o proletariado urbano tomou, por desgraça, em grande medida, da burguesia. O trabalhador da cidade, mais evoluído que o camponês, muitas vezes desdenha deste e fala dele com um desprezo completamente burguês. Nada é mais irritante que o desdém; por isso os

campesinos respondem com ódio ao desprezo dos trabalhadores industriais. E isso é uma grande desgraça, pois o desprezo e o ódio dividem ao povo em dois campos, e cada um deles paralisa e sufoca o outro. Entre esses dois partidos não existem em realidade interesses opostos, existe só um imenso e prejudicial mal entendido que deve ser vencido a qualquer preço.

O socialismo mais esclarecido, mais civilizado, dos trabalhadores urbanos - um socialismo que por essa mesma circunstancia adquire certo caráter burguês - desdenha e menospreza o socialismo dos campesinos, natural, primitivo e muito mais selvagem, e, como desconfia dele, trata sempre de limitá-lo, de oprimi-lo em nome da igualdade e da liberdade. Isto leva aos campesinos a confundir o socialismo urbano com o espírito burguês das cidades. Os campesinos olham o trabalhador industrial como um laçao burguês ou como um soldado da burguesia; por essa razão desprezam e detestam o trabalhador urbano como tal. O odeiam até o ponto de converter-se eles mesmo em servos e cegas ferramentas da reação.

Este é o antagonismo fatal que paralisou até agora os esforços revolucionários da França e da Europa. Todos que quiserem o triunfo da revolução devem primeiro dissipar esse antagonismo. Como os dos campos se acham divididos só por uma incompreensão, é necessário que um deles tome a iniciativa de explicar e conciliar. A iniciativa deve pertencer ao setor mais esclarecido, ou seja, aos trabalhadores urbanos. Para conseguir essa conciliação, eles devem ser os primeiros a esclarecer para si mesmos as razões que têm contra os campesinos.

Quais são seus principais motivos de queixa?

Existem três motivos: O primeiro, que os campesinos são ignorantes, supersticiosos e fanáticos que se deixam conduzir pelos sacerdotes; o segundo, que os campesinos são fiéis ao imperador, e o terceiro, que os campesinos são partidários fervorosos da propriedade individual.

É verdade, os campesinos franceses são grosseiramente ignorantes. Mas, é culpa deles? Preocuparam-se em lhes proporcionarem escolas? E a sua ignorância é uma razão para desprezá-los e maltratá-los? Se assim o for, os burgueses, que são mais cultos que os trabalhadores industriais, teriam o direito de depreciar e de maltratar estes? E conhecermos um número considerável de burgueses que assim o creem e que fundam na sua autoridade intelectual o direito de dominar os trabalhadores e de lhes exigir submetimento. Mas o que constitui a grandeza dos trabalhadores ante a burguesia não é sua educação, na verdade muito escassa, mas seu instinto e seu sentido de justiça. Mas, por acaso os campesinos carecem desse instinto de justiça? Observem vem e encontrarão entre eles esse mesmo profundo sentido comum, uma admirável perspicácia e essa energia para o trabalho que representa a honra e a salvação do proletariado.

Sempre me desgostou ter que escutar não somente dos revolucionários jacobinos, mas também de socialistas formados na escola de Blanqui - e inclusive de alguns de nossos amigos íntimos indiretamente influenciados por essa escola - pre-

gar a ideia totalmente antirrevolucionária de que a futura república deverá abolir por decreto todos os cultos públicos e assim mesmo dispor a expulsão violenta de todos os sacerdotes. Para começar, sou inimigo absoluto de uma revolução por decreto, pois não seria mais que a aplicação da ideia de um “Estado revolucionário”, e um corolário dela, isto é, uma reação encoberta por aparências revolucionárias. Ao sistema do decreto revolucionário oponho o sistema da ação revolucionária, o único efetivo, coerente e verdadeiro. O sistema autoritário do decreto, ao pretender impor a liberdade e a igualdade, as destrói. O sistema anarquista da ação as convoca e as origina necessariamente, sem a intervenção de nenhum tipo de violência autoritária ou oficial. O primeiro conduz irremediavelmente ao triunfo final de uma reação aberta. O segundo assenta a revolução sobre um fundamento natural e irremovível.

Conseqüentemente, tomando este exemplo, diremos que se a abolição dos cultos religiosos e a expulsão dos sacerdotes foram decretados por lei, poderíamos estar seguros de que até o campesino menos religioso se levantaria em defesa do culto proscrito e dos sacerdotes expulsos. Talvez o fizessem pelo simples espírito da contradição ou por um sentimento legítimo e natural - sentimento que é o fundamento da liberdade -, surgido no coração de todo homem ante uma medida imposta, ainda que tenha sido tomada em nome da liberdade. Alguém pode estar seguro, pois, de que se as cidades cometem a loucura de decretar a abolição dos cultos religiosos e a expulsão dos sacerdotes, os campesinos se poriam do lado dos sacerdotes, e se insurgiriam contra as cidades e se converteriam em um terrível instrumento nas mãos da reação.

Então devemos deixar os sacerdotes e o exército plenos de seu poder? Claramente que não. É necessário combatê-los mais energicamente, não porque sejam sacerdotes nem porque sejam ministros da religião católica romana, mas porque são agentes prussianos. Tanto nos povoados como nas cidades, não devem ser as autoridades revolucionárias - nem ainda quando se trate de um comitê revolucionário de segurança pública -, as que derrubem os sacerdotes. Deve ser a própria massa, os trabalhadores das cidades e os campesinos dos povoados quem empreenderão a ação contra os sacerdotes, enquanto as autoridades revolucionárias aparentemente os protejam em nome do respeito pela liberdade de consciência. Copiemos a sabedoria de nossos adversários. Observemos como, por exemplo, todos os governos propagam sobre sua liberdade, enquanto que são totalmente reacionários em suas ações. Deixem que as autoridades revolucionárias sejam parcias em suas frases, mas usando um idioma tão moderado e pacífico como seja possível, permita-lhes que realizem a revolução.

Isto é completamente oposto ao que estão fazendo até agora as autoridades revolucionárias em todos os países. Muitas vezes demonstraram o maior vigor e a maior capacidade revolucionária em sua linguagem, enquanto seus atos eram moderados ou inclusive totalmente reacionários. Pode se dizer que o vigor de sua linguagem lhes serviu, em muitos casos, como uma máscara para enganar o povo, para encobrir a debilidade e inconsistência de seus atos. Existem pessoas, sobretudo entre a pretendida burguesia revolucionária, que por proferir algumas frases exaltadas

creem estar fazendo a revolução e, uma vez que pronunciaram essas frases, e precisamente por isso, consideram lícito lançarem-se à ação, demonstrando então uma inevitável incoerência e entregando-se a atos puramente reacionários. Nós, que somos verdadeiramente revolucionários, devemos atuar de uma maneira completamente oposta. Falemos menos de revolução e façamos muito mais. Deixemos aos outros a tarefa de desenvolver teoricamente os princípios da revolução social e nos contentemos com aplicar amplamente estes princípios; concretizemo-los em fatos.

Aqueles que me conhecem bem entre nossos aliados e amigos talvez se assombrem de que eu use essa linguagem, depois de ter trabalhado tanto na elaboração teórica e havendo-se mostrado sempre tão zeloso e feroz guardião dos princípios revolucionários. Mas os tempos mudaram. Um ano atrás estávamos nos preparando para uma revolução - iminente para alguns, menos próxima para outros -. Hoje, estamos em meio a uma nova revolução. Então, é absolutamente necessário manter o elevado nível dos princípios teóricos e apresenta-los em toda sua pureza para formar uma organização, talvez pequena em número, mas composta por pessoas consagradas completa, sincera e fervorosamente aos ideais revolucionários.

Agora que já não urge recrutar gente para esse grupo. Temos conseguido, bem ou mal, formá-lo e, ainda que seja pequeno em relação a quantidade de pessoas que o integram, é imenso no que concerne as grandes massas populares as que representa. Agora todos devemos embarcar na violenta onda revolucionária e daqui em diante deveremos difundir nossos princípios não através da palavra mas sim através de ações, pois essa é a forma de propaganda mais popular, mais poderosa e irresistível. Guardemos silêncio sobre nossos princípios quando assim requerer a prudência, quando nos exija temporária impotência ante uma força inimiga, mas sejamos impiedosamente coerentes em nossas ações. Nela reside a salvação da revolução.

## **A revolução por decreto está destinada ao fracasso**

A razão principal pela qual todas as autoridades revolucionárias do mundo têm conseguido tão pouco no caminho até a revolução é que sempre quiseram criar a revolução por si mesmos, pelo seu próprio poder, circunstância que nunca deixa de provocar duas graves consequências.

Em primeiro lugar, se restringe fortemente a atividade revolucionária, pois até as autoridades revolucionárias mais inteligentes, mais enérgicas e mais sinceras lhes é impossível abarcar simultaneamente a imensa quantidade de problemas e interesses que agitam à revolução.

Toda ditadura, seja individual ou coletiva, na medida em que esteja nas mãos de um ou vários funcionários, é necessariamente demasiado circunscrita, demasiado cega e incapaz de alcançar a profundidade da vida do povo ou de compreender seu alcance, assim como o navio de maior altura e poderoso lhes é impossível medir a profundidade e a extensão do oceano. Em segundo lugar, todo ato de uma autoridade oficial, imposta legalmente, desperta inevitavelmente nas massas um sentimento de rebeldia, uma legítima contrarreação.

O que devem fazer as autoridades revolucionárias - e trataremos de tê-las em menor número possível - , para organizar e estender a revolução? Impulsionar as massas à ação. Esse deve ser seu objetivo e não as autoridades mesmas, por decreto revolucionário, tratar de impor ao povo nenhuma organização, mas melhor tratar de que este se dê organizações autônomas. Isto pode se conseguir obtendo influência sobre os indivíduos mais inteligentes e avançados, que tenham ascendente em cada localidade, de maneira que essas organizações coincidam com nossos princípios tanto quanto seja possível. Nisto reside todo o segredo de nosso triunfo.

Quem duvida que este trabalho esteja cheio de imensas dificuldades? Acaso alguém pensa que a revolução é um jogo de crianças e que pode levar-se a cabo sem superar inúmeros obstáculos? Os revolucionários de nossos dias nada - ou muito pouco - podem encontrar de guia nas táticas e procedimentos revolucionários dos jacobinos de 1793. A rotina revolucionária os levaria ao mesmo. Devem atuar sobre a base da experiência vivida devem criar tudo de novo.

Volto agora ao tema do campesinato. Já disse que o pretendido apego do campesinato ao imperador não me assusta. Não se trata de um apego profundo nem real. É simplesmente uma manifestação negativa de seu ódio contra a classe média proprietária e contra a burguesia urbana. Essa adesão, por consequência, não pode significar muito no caminho da Revolução Social.

O argumento principal e definitivo dos trabalhadores urbanos contra o campesinato é a avareza deste, seu crasso egoísmo, sua adesão a propriedade individual da terra. Os trabalhadores que dirigem estas reprovações ao campesinato deveriam se perguntar: Quem não é egoísta? Quem, na sociedade atual, não se agarra à pe-

quena propriedade que conseguiu adquirir e que lhe garante - ante o caos econômico reinante e ante o egoísmo de seu próximo - sua própria existência e a dos seus?

Os camponeses não são comunistas, isso é completamente certo. Temem, odeiam, aos partidários da divisão da propriedade, pois possuem algo para manterem-se, ao menos em sua imaginação, e a imaginação é um grande poder geralmente subestimado pela sociedade. OS trabalhadores, cuja grande maioria não tem nenhuma propriedade, se encontram infinitamente mais natural como o individualismo dos camponeses; nada há aqui que mereça elogio, por uma parte, o desprezo por outra. Ambos, com suas ideias, com seus sentimentos, são produto de meios diferentes. E, por outra parte, são comunistas todos os trabalhadores urbanos?

Não há necessidade de queixar-se, de desprezar ou de desdenhar os camponeses. Em troca, é necessário estabelecer uma linha de conduta que anule a dificuldade para convencê-los e que não só evite que seu individualismo os jogue ao bando da reação mas que além disso os faça úteis ao triunfo da revolução.

Recordem, queridos amigos, e repitam cem vezes, mil vezes por dia, que a adoção dessa linha de conduta depende o resultado da Revolução, a vitória ou o fracasso.

Estarão de acordo comigo que já não temos tempo para converter aos camponeses por meio da propaganda teórica. Só existe então, fora dos meios que já propomos, o terrorismo das cidades contra os povoados. Essa medida é estimada por todos nossos amigos, os trabalhadores dos grandes centros franceses, que não compreendem e nem sequer suspeitam que se tornaram esse instrumento de revolução, ou melhor, de reação, do arsenal do jacobinismo revolucionário, e que se nunca tiveram a desgraça de aproveitar-se dele, destruirão assim mesmos, e o que é pior, destruirão a própria revolução pois qual seria a consequência inevitável e fatal dessa tática? Simplesmente, que toda a população rural, os dez milhões de camponeses, passariam ao bando da reação, reforçando-a com suas massas imponentes e invencíveis.

Nisto, como em muitos outros sentidos, considero a invasão prussiana como um feliz elemento para a França e para a Revolução Social Mundial. Se essa invasão não tenha lugar e se a revolução na França fosse produzida sem seu concurso, os socialistas franceses tentariam novamente, por sua conta em risco, levar a cabo uma revolução para se apoderar do Estado. Isso seria completamente insensato, seria um passo fatal no que concerne o socialismo, mas seguramente os socialistas o tentarão, de tanto que se encontram imbuídos dos princípios do jacobinismo.

Por consequência, entre outras medidas de segurança pública decretadas por uma convenção de delegados urbanos, tratariam de impor o comunismo ou o coletivismo aos camponeses. Fariam que toda massa de camponeses, se rebelasse e se arme contra eles, e para afastar o levante se veriam obrigados a recorrer a uma grande força militar, bem organizada e disciplinada. Em resumo, proporcionariam um exército à reação e dariam origem, criariam em seu próprio seio, uma casta de militares

reacionários, de generais ambiciosos. Com a máquina estatal assim fortalecida, logo teriam um condutor para essa máquina: um ditador, um imperador. Tudo isso sucederia fatalmente, pois está na lógica das coisas, não na fantasia caprichosa de um indivíduo, e essa lógica nunca se engana.

Felizmente, as mesmas condições abririam os olhos dos trabalhadores urbanos e os obrigariam a desprezar o fatal sistema herdado dos jacobinos. Alguém deveria estar louco para desejar voltar, sob as condições atuais, ao terrorismo contra os camponeses. Se os camponeses se insurgissem hoje contra as cidades, estas, como toda a França, se afundariam na ruína.

Na situação existente, o emprego do terrorismo, método tão estimado pelos jacobinos, se torna obviamente impossível. E os trabalhadores franceses que não reconhecem outros meios se acham agora sem saber o que fazer.

Não creio que nem sob as circunstâncias mais favoráveis os trabalhadores urbanos tenham poder suficiente para impor o comunismo ou o coletivismo aos camponeses e nunca queriam essa forma de realizar o socialismo, pois odeio qualquer sistema imposto pela força e amo a liberdade sincera e fervorosa. Essa falsa ideia e essa esperança destroem a liberdade e constituem o terror fundamental que do comunismo autoritário que, devido a necessidade da violência regularmente organizada pelo Estado, conduz fatalmente a reestabelecer o princípio da autoridade e a criar uma classe estatal privilegiada.

O coletivismo só pode ser imposto a escravos e então se converte na negação da humanidade. Entre as pessoas livres o coletivismo só pode dar-se no curso natural das coisas, pela força das circunstâncias, não o impondo de cima mas impulsionando-o espontaneamente debaixo, surgindo necessária e livremente quando as condições do individualismo privilegiado - a política do Estado, os códigos e as leis civis e criminais, a família jurídica e os direitos de herança, - tenham sido destruídos pela revolução.

Quais são as queixas principais dos camponeses, as principais causas de seu áspero e profundo ódio às cidades?

1 - Os camponeses sentem que nas cidades são menosprezados e esse desdém é sentido violentamente, até por crianças, e nunca se esquecem.

2 - Os camponeses creem - não sem um acúmulo de razões, ainda que carecendo de experiências e provas históricas suficientes para respaldar essa suposição, - que as cidades querem dominá-los e governá-los, muitas vezes explorá-los, e impor uma ordem política que eles não aceitam.

3 - Além disso, os camponeses consideram os trabalhadores urbanos partidários da divisão da propriedade e temem que os socialistas as confiscem, a terra que amam mais que qualquer coisa.

O que devem fazer então os trabalhadores para vencer essa desconfiança e essa animosidade dos camponeses? antes de tudo, deixar de manifestar-lhes desprezo; deixar de depreciá-los. Isto é necessário para o bem da revolução e deles mesmos, porque o ódio dos camponeses constitui um imenso perigo. Se não existisse essa desconfiança e esse ódio, há muito tempos a revolução teria triunfado, pois a animosidade que desgraçadamente existe no campo contra a cidade conforma, em todos os países, a base e a principal força da reação. Portanto, no interesse da revolução que emancipará a todos, os trabalhadores devem deixar o quanto antes de desprezar os camponeses. Devem fazê-lo, afinal, por justiça, porque não possuem verdadeiramente a menor razão para depreciá-los ou aborrecê-los. Os camponeses não são parasitas desocupados, são trabalhadores duros, como são os proletários urbanos, só que cumprem seu labor sob condições diferentes. Ante a burguesia, os trabalhadores industriais deveriam se sentir irmãos dos camponeses.

Os camponeses farão causa comum com os trabalhadores urbanos tão logo que se convençam de que estes não pretendem impor sua vontade ou uma ordem política e social inventada pelas cidades para maior felicidade da batalha; se unirão a eles tão prontamente como adquiram a segurança de que os trabalhadores não tenham a menor intenção de levar suas terras.

E bem, hoje é absolutamente necessário que os trabalhadores renunciem realmente a essa pretensão e a essa intenção e que não façam de modo que os camponeses o SEPAN e fiquem completamente convencidos disso. Os trabalhadores devem esquecer essas pretensões, pois ainda quando pareçam praticáveis, são injustas e reacionárias ao extremo, e agora que se torna impossível realizá-las, seria loucura fazer a menor tentativa nesse sentido.

Com que direito os trabalhadores haveriam de impor aos camponeses uma forma qualquer de governo ou de organização econômica? Diz-se que com o direito da revolução, mas a revolução deixa de sê-la quando atua como déspota e quando, em vez de promover a liberdade das massas, provoca em seu seio a reação. O significado e a condição da revolução, se não seu propósito, é a aniquilação do princípio de autoridade em todas suas possíveis manifestações, a abolição, a destruição completa e se for necessário, a destruição violenta do Estado. Pois este, irmão menor da igreja, como provou Proudhon, é a consagração histórica de todos os despotismos, de todos os privilégios, a razão política de toda escravização econômica e social, a essência e o núcleo de toda reação. Consequentemente, sempre que se constitui um Estado em nome da Revolução, são a reação e o despotismo os que estão sendo fomentados e não a liberdade; e como resultado se estabelecerão privilégios contrários à igualdade.

Isto é claro como a luz do dia. Mas os trabalhadores socialistas da França, formados com as tradições políticas do jacobinismo, nunca quiseram compreendê-lo. Agora estarão obrigados a fazê-lo e será uma sorte para a revolução e para eles mesmos. De onde provém essa pretensão tão ridícula como presunçosa, tão injusta como prejudicial, de impor uma ideia política e social sobre dez milhões de camponeses que não a querem? Claramente, isto é outra heresia burguesa, um legado do

revoluinarismo burguês. Qual é a base, a explicação, a teoria se subjaz esta pretensão? É a suposta ou real superioridade da inteligência, da educação; em uma palavra, a suposta ou real superioridade da civilização dos trabalhadores urbanos sobre a população rural.

Mas, compreendem que com esse princípio se pode justificar facilmente qualquer tipo de conquista e de opressão? A burguesia sempre recorreu a esse princípio para provar sua visão e seu direito de governar ou, que é o mesmo, de explorar o mundo do trabalho. Nas lutas entre nações assim como entre classes, esse princípio fatal - que não é outro que o princípio da autoridade -, explica e legitima todas as invasões e conquistas. Acaso os alemães não brandiram sempre este princípio para justificar sua ameaça à liberdade e à independência dos povos eslavos e seu intento de germanização violenta e forçada sobre estes? Constituem, dizem eles, a vitória sobre a barbárie.

Cuidado! os alemães já começam a advertir que a civilização germânica protestante é muito superior à civilização católica dos povos de raça latina, em geral, e a civilização francesa, em particular. Cuidado! Não tarda que se imaginem que têm a missão de civilizá-los e fazê-los felizes, tal como imaginais que é vossa missão civilizar e emancipar pala força de vossos compatriotas, vossos irmãos, os camponeses da França. Para mim, uma e outra pretensão são igualmente odiosas e declaro que, tanto nas relações internacionais como nas relações de uma classe e outra, sempre estarei do lado daqueles que querem civilizar com esse procedimento. Hei de me sublevar com eles contra todos os civilizadores arrogantes, os trabalhadores alemães, e ao voltar-me contra eles hei de me por a serviço da revolução e contra a reação.

Mas se assim são as coisas, se dirá: Há que abandonar os camponeses, ignorantes e supersticiosos como são, a todas as influências e todas as intrigas da reação? De nenhuma maneira. Há que destruir a reação nos campos assim como há que destruí-la nas cidades, mas para alcançar essa finalidade não basta dizer: Queremos acabar com a reação. Há que matá-la, extirpá-la a partir da raiz e nada se extirpa por decreto. Muito pelo contrário, e posso provar com a história, os decretos e em geral todos os atos de autoridade não extirpam nada, e em troca eternizam aquilo que querem matar.

Que se deduz disso? Que como o campo não se pode impor a revolução, há que produzi-la promovendo o movimento revolucionário a partir dos mesmos camponeses, impulsionando-os a destruir com suas próprias mãos a ordem pública e todas as instituições políticas e civis e a constituir e organizar no campo a anarquia.

Mas o que se deve fazer? Existe só um caminho, o de revolucionar o campo assim como a cidade. Quem o fará? A única classe que atualmente é o verdadeiro agente da revolução é a classe trabalhadora das cidades.

De que modo podem empreender os trabalhadores urbanos a tarefa de revolucionar o campo? Enviarão trabalhadores de cada povoado, como apóstolos da república? De onde obterão o dinheiro necessário para cobrir os gastos da propa-

ganda? É certo, os prefeitos, os subprefeitos e os comissários gerais podem enviá-los a custa do Estado, mas então esses emissários não seriam delegados do mundo do trabalho, mas do Estado e isto alteraria totalmente seu papel e a natureza de sua propaganda. Esta teria um caráter reacionário e não revolucionário, posto que o primeiro que teriam que fazer seria inspirar nos camponeses confiança em direção a autoridade recentemente estabelecida ou até aquelas autoridades que subsistiram do antigo regime; isso seria inspirar-lhes confiança nas autoridades bonapartistas, cuja ação prejudicial todavia pesa fortemente sobre o campo. Porém, é evidente que os prefeitos, os subprefeitos e os comissários gerais, atuando segundo a lei natural que faz todos preferirem o mais acordado com sua natureza e não o que é contrário à ela, selecionarão para cumprir o papel de propagandistas da república os trabalhadores menos revolucionários, os mais dóceis e os mais condescendentes. Seria novamente a reação atuando sob o estandarte do trabalho. Como temos dito, só a revolução pode revolucionar o campo.

Por último, deve agregar-se que a propaganda individual ainda quando for realizada pela mais revolucionária do mundo, não pode exercer uma grande influência sobre os camponeses. Estes não respondem muito à retórica, pois as palavras, quando lhes chegam como uma manifestação de força acompanhada por fatos, seguem sendo para eles meras palavras. O trabalhador que simplesmente se limita a discursar aos camponeses, correria o risco de converter-se no tolo de qualquer povoado e seria expulso como um burguês.

## Programa revolucionário para os camponeses

É necessário enviar agitadores para o campo, como porta-vozes da revolução. A regra geral a respeito é que quem quer propagar a revolução deve começar por ser ele mesmo um verdadeiro revolucionário. Este deve ter o anarquismo dentro de si para ser capaz de sublevar as massas, de outra maneira, só se fazem discursos vazios e ruídos estéreis, mas não atos revolucionários. Por consequência, os agitadores devem estar revolucionariamente inspirados e organizados; devem levar a revolução em sua mente e em seu coração se quiserem promovê-la e suscitá-la. Logo, devem elaborar um plano, uma linha de conduta de acordo com o propósito que formularam a si mesmos.

Qual é esse propósito? É não impor a revolução aos camponeses, mais provocá-la e fazê-la surgir neles. Uma revolução que é imposta sobre o povo - seja por decreto oficial ou por força das armas -, não é uma revolução, mas seu oposto, pois provoca necessariamente a reação. Ao mesmo tempo, os agitadores devem se apresentar no campo como uma força respeitável e capaz de se fazer respeitar, não para empregar a violência sobre os camponeses, mas para acabar as vontades de zombar e maltratá-los antes de tê-los escutado. Os camponeses são grosseiros e as naturezas assim são facilmente arrastadas pelo prestígio e as manifestações de força, ainda que podem muito bem rebelarem-se contra ela se lhes impõem condições que vão de contra os seus instintos e interesses.

Antes disso os agitadores devem estar prevenidos. Devem recordar que não estão para impor nada, mas para estimular e animar. Naturalmente, o que podem e devem fazer no começo é eliminar tudo o que possa entorpecer uma propaganda eficaz. Portanto, sua primeira tarefa é destruir sem derramamento de sangue toda a administração municipal - necessariamente infiltrada por elementos bonapartistas, orleanistas e legalistas -, detendo, deportando e se necessário for, prender os burocratas municipais assim como todos os grandes latifundiários reacionários - e os sacerdotes também -, por nenhuma outra razão que sua conveniência secreta com os prussianos. A municipalidade legal deve ser substituída por um comitê revolucionário formado por um reduzido número de camponeses, os mais enérgicos e mais sinceramente convertidos na causa da revolução.

Mas antes de constituir esse comitê, terá que ter provocado uma grande modificação nos sentimentos da grande maioria dos camponeses, se não em todos eles. É essencial que essa maioria se apaixone pela revolução. Como pode se produzir esse milagre? Por interesse. Diz-se que o camponês francês tem muita cobiça. Muito bem, essa cobiça deve ser apontada aos interesses da revolução. Há que oferecer-lhes e dar-lhes de imediato grandes vantagens materiais.

Existe só um meio para levar a cabo este programa: Falar-lhes e impulsioná-los até onde se guiam pelos seus próprios instintos. Eles amam a terra; pois que tomem a terra e que tirem dela todos os proprietários que a exploram graças ao traba-

lho alheio. Não sentem o menor gosto em pagar hipotecas e impostos; que não os paguem mais. Que aqueles que não se preocupam por pagar suas dívidas privadas deixem de ser obrigados a pagá-las. Por último, se aborrecem com o alistamento militar; pois que não os obriguem a dar soldados ao exército.

Mas, quem combaterá os prussianos? A respeito disso não temais nada; quando os camponeses sentirem e experimentarem as vantagens da revolução, darão para defendê-la mais dinheiro e mais homens que os que poderiam obter deles a ação comum do Estado ou as medidas extraordinárias adotadas por ele. Os camponeses farão contra os prussianos o mesmo que fizeram em 1792. Para isso devem ter obsessão com a fúria da resistência e só uma revolução anarquista pode infundir-lhes esse espírito.

Ao permitir que se repartam as terras arrancadas dos proprietários burgueses, não se estabelece sobre um fundamento novo e mais sólido a propriedade privada? De nenhuma maneira, pois carecerá da consagração jurídica e política do Estado, na medida em que o Estado e toda a instituição jurídica, a defesa da propriedade pelo Estado, o direito de família, incluindo a lei da herança, haverá necessariamente desaparecido no imenso turbilhão da anarquia revolucionária. Já não haverá direitos políticos nem jurídicos; só haverá fatos revolucionários.

Mas, dirão, nesse caso será a guerra civil, pois se a propriedade privada não vá a ser garantida de nenhuma maneira e por nenhum poder externo, seja político, administrativo, jurídico ou policial, mas que vá a ser defendida só pelos esforços dos proprietários, todos quererão apoderar-se da propriedade dos demais e o mais forte despojará o mais débil.

Mas o que evitará que os mais débeis se unam para despojar o mais forte?

Sem dúvidas, o começo das coisas não se desenvolverá tranquilamente, ocorrerá um período de agitação e luta. A ordem social, santa das santas para a burguesia, se verá alterada e os resultados imediatos derivados deste estado de coisas poderão aproximar-se muito do que se chama guerra civil.

Por que estigmatizais, porque temeis tanto a guerra civil? Pergunto-me, tomando a história como guia, foi a guerra civil ou a ordem imposta por algum governo tutelar o que produziu grandes pensamentos, grandes caracteres, grandes nações? Acaso pela sorte de ter escapado da guerra civil durante os últimos vinte anos têm vós uma grande nação, que não é tão indefesa como para os prussianos possam devorá-la de uma só vez?

Voltando ao tema do campo, lhes pergunto: Querem ver dez milhões de camponeses unidos contra vós em uma massa sólida e compacta, impulsionada por um ódio compartilhado suscitado por seus decretos e sua violência revolucionária? Ou prefeririam, em troca, que essa revolução anarquista provoque em suas fileiras um profundo rompimento que lhes permitisse formar um poderoso partido entre eles? Não veem, pois, que os camponeses são tão atrasados precisamente porque a guerra civil todavia não os dividiu? Sua massa compacta é simplesmente um reba-

nho humano, muito pouco capaz de desenvolvimento e quase impermeável à propaganda ideológica. A guerra civil, pelo contrário, ao dividir essa massa compacta, engendra ideias, criando uma diversidade de interesses e aspirações. Os camponeses não carecem de alma ou de instintos humanos, mas carecem de espírito. Pois bem, a guerra civil os dará.

A guerra civil, no campo, abrirá de par em par as portas à propaganda das ideias revolucionárias e socialistas. Vós terão, repito, o que não têm ainda: Um partido, e nele poderão organizar de maneira ampla um verdadeiro socialismo, uma coletividade inspirada e animada pela mais completa liberdade.

Não temam que a guerra civil e a anarquia conduzam à destruição das populações camponesas. Em toda sociedade existe muito instinto de conservação, de inércia coletiva, que a protege contra o perigo da aniquilação e que precisamente faz tão lento e tão difícil o progresso da ação revolucionária. A sociedade europeia de hoje, nos povoados assim como nas cidades, mais nos povoados, está adormecida, sob a tutela do Estado perdeu toda energia, todo poder e independência de ação e de pensamento. Um poucas décadas mais nessas condições e esse sonho pode terminar na morte.

Não temam que os camponeses se devorem entre si porque a autoridade pública e o direito penal e civil deixem de contê-los. Talvez no começo tratem de fazê-lo, mas não tardarão em convencer-se da impossibilidade material de seguir por esse caminho e então procurarão entender-se, tolerarem-se e organizar-se. A necessidade de comer e de dar de comer aos seus filhos e, por consequência, a necessidade de trabalhar a terra e prosseguir com todos os labores do campo, assim como a necessidade de proteger seu lar, sua família e sua própria vida contra ataques imprevistos; tudo isso há de obrigá-los indubitavelmente a entrar em algum tipo de acordo mútuo.

E não acreditem que se estes acordos se combinarem fora da tutela de uma autoridade oficial e se produzem pela força das circunstâncias, os camponeses mais fortes e mais ricos exercerão uma influência predominante. Uma vez que a riqueza dos ricos não será protegida pelas leis, deixará de ser um poder. Os camponeses ricos são atualmente poderosos porque estão amparados por funcionários do Estado, porque são respaldados pelo Estado. Com a desaparecimento deste, esse respaldo e esse poder também desaparecerá. Enquanto os camponeses mais astutos e economicamente mais fortes, terão que dar andamento ao poder coletivo das massas camponesas, do grande número de camponeses pobres, uma massa hoje escravizada e reduzida a um sofrido silêncio, mas a anarquia revolucionária voltará a vida e dotará de um grande poder irresistível.

A guerra civil, tão funesta para o poder dos Estados, é, ao contrário e justamente por essa causa, sempre favorável para despertar a iniciativa popular e o desenvolvimento intelectual, moral e até material do povo. A razão disso é muito simples: a guerra civil perturba e transtorna essa disposição de cordeiro das massas, tão cara a todos os governos, que converte os povos em rebanhos aos que se esgota a

vontade. A guerra civil rompe a monotonia embrutecedora de sua existência cotidiana, rotineira e desprovida de pensamento, obrigando às massas a refletirem sobre as pretensões dos distintos príncipes ou partidos que disputam o direito de oprimi-las e explorá-las. E isso as vezes as levam a compreender, se não de forma consciente, ao menos instintiva, a verdade profunda que nenhum dos partidos rivais têm direito sobre eles e que todos são igualmente maus.

Além disso, no momento em que desperta a mente coletiva do povo, que em geral se mantém em um estado de dominação, necessariamente se faz sentir em outros aspectos. Agita-se, rompe com sua inércia terrena e, transcendendo os limites de uma fé mecânica, sacudindo-se o jugo das representações tradicionais e petrificadas que ocuparam o lugar dos verdadeiros pensamentos, submete todos seus ídolos de ontem a uma fervorosa e severa crítica, guiada pelo seu próprio sentido comum e por sua equitativa consciência, as vezes mais valiosa que a ciência.

Assim desperta a mente do povo e com esse despertar chega ao instinto tão humano e sagrado da rebeldia, origem de toda emancipação; simultaneamente se desenvolvem nela a moral e a prosperidade material, esses dois filhos gêmeos da liberdade. Essa liberdade, tão benéfica para o povo, encontra apoio, garantia e alimento na própria guerra civil, que, ao dividir as forças dos opressores, dos exploradores, tutores e amos do povo, minava necessariamente o nefasto poder de uns e outros.

Mas a guerra civil não paralisaria a defesa da França, apesar de ser vantajosa de outros pontos de vista? Esta luta interna entre os habitantes de cada comunidade, agravada pela luta entre as comunas, não vai entregar a França nas mãos dos prussianos? De nenhum modo. A história demonstra que as nações nunca se sentiram tão poderosas em suas relações exteriores como quando se encontravam profundamente agitadas e revoltas em sua vida interna. E pelo contrário, nunca foram tão débeis como quando apareciam unidas sob uma autoridade ou quando algum tipo de harmonia prevalecia aparentemente nelas. Isso é muito natural: A luta é vida e a vida, é poder.

Para converter-se disto só há que comparar duas épocas - ou melhor, quatro épocas - , da história francesa: Primeiro, a França surgida de La Fronde, desenvolvida e moderada pelas lutas de La Fronde; depois, a França do prematuro reinado do jovem Luís XIV contra a França dos últimos anos de seu reinado, com a monarquia firmemente estabelecida, unida e pacificada pelo Grande Rei. Comparem a primeira França, resplandecente de vitórias, com a segunda França, marchando de derrota em derrota.

Assim mesmo comparem a França de 1792 com a França de hoje. Em 1792 e em 1793, a França estava desgarrada pela guerra civil; uma comoção violenta, uma luta a morte cobriam toda a república. Porém, a França rechaçou de forma exitosa a invasão de quase todos os demais poderes europeus. Sem dúvidas, em 1870 a França do Império, unida e pacificada, foi derrotada pelo exército alemão e se desmoralizou até o ponto em que devem temer hoje pela sua existência.

## O alvorecer da revolução social

Os homens, que são antes de tudo animais carnívoros, começaram sua história com o canibalismo. Atualmente aspiram uma associação Universal, a uma produção coletiva e um consumo coletivo da riqueza.

Mas entre esses pontos extremos, que horrível e sangrenta tragédia! E, todavia não saímos dela. Antes do canibalismo vinha a escravidão, depois a servidão, depois a servidão assalariada, que se verá seguida pelo terrível dia do justo castigo, e mais tarde, muito mais tarde, pela era da fraternidade. Estas são as fases que deve atravessar a luta animal pela vida em sua transformação gradual durante o desenvolvimento histórico, até terminar em uma organização humana da vida.

O futuro, o futuro distante, pertence em primeiro lugar a internacional euro-americana. Mais tarde, muito mais tarde, na verdade, esta grande nação euro-americana se unirá organizadamente com o conglomerado asiático e africano. Mas isso se acha demasiado distante, para ser analisado de maneira concreta e precisa.

O que nós pedimos é que se proclame novamente o grande princípio da Revolução Francesa: Que cada homem tenha os meios materiais e morais para desenvolver-se totalmente. Esse princípio, em nossa opinião, deve ser transformado na seguinte tarefa:

Organizar uma sociedade de tal maneira que cada indivíduo, homem ou mulher, encontre ao nascer os mesmos meios para conseguir o desenvolvimento de suas faculdades e o aproveitamento pleno de seu trabalho; a de criar uma sociedade na qual seja impossível todo indivíduo explorar o trabalho dos demais e na qual todo indivíduo possa gozar da riqueza social, na qual em realidade é produzida só pelo trabalho coletivo, na medida em que contribua diretamente à criação dessa riqueza.

Por certo que a realização dessa tarefa levará séculos. Mas a história já a tem delineado e de agora em diante não podemos ignorá-la sem condenarmos a mais completa impotência.

Apressamo-nos em deixar claro que rechaçamos vigorosamente qualquer tentativa de organização social que não admita a mais plena liberdade dos indivíduos e das organizações ou que necessite um poder regimentador qualquer. Em nome da liberdade, a que reconhecemos como único fundamento e único princípio de qualquer organização, seja econômica ou política, protestamos contra tudo o que se assemelhe ainda que remotamente a um comunismo de Estado ou a um socialismo de Estado.

Todas as classes estão destinadas a desaparecer com a revolução social, com a exceção de duas, os proletários urbano e rural, que se converterão em proprietários, sem dúvida de forma coletiva, sob as diversas formas e condições determinadas em cada localidade, em cada região e em cada comuna, pelo grau de civilização exis-

tente e pela vontade popular. O proletariado urbano se converterá em proprietário do capital e dos meios de trabalho, e o proletariado rural, da terra que cultiva com suas próprias mãos. Ambos, impulsionados por seus mútuos interesses e necessidades, se organizarão e, necessária e naturalmente, compensarão um ao outro de forma justa e totalmente livre.

A organização da sociedade mediante a livre federação, debaixo para cima, das associações de trabalhadores, industriais e agrícolas, assim como científicas, artísticas e literárias, primeiro em uma comuna, logo de comunas em regiões, de regiões em nações, e de nações em uma fraternal associação internacional.

A terra pertence àqueles que a cultivam com suas próprias mãos, pertence às comunas rurais. O capital e todos os meios de produção pertencem ao trabalhador urbano, às associações de trabalhadores. Toda organização do futuro não deve ser outra coisa senão uma livre federação de trabalhadores, tanto rurais como fabris e artesãos.

Não afirmo que os povos, reorganizados desta maneira, livremente organizados debaixo para cima, criarão imediatamente uma organização ideal, coincidente em todo sentido com o tipo de organização que imaginamos ou sonhamos. Mas se estou convencido de que será uma organização muito superior e mais justa que a atual. Além disso, estando, por uma parte, aberta à propaganda ativa das cidades e, por outra, tratando-se de um tipo de organização que não pode se fixar ou, por assim dizer, petrificar-se devido a proteção do Estado ou da lei - pois não existirá nem Estado nem Lei -, cada nova organização local que surja nos povoados será capaz de processar livremente e de continuar esse desenvolvimento de forma indefinida. Não deixará de ser, simultaneamente, uma organização vivente e livre e não produzida nem promovida por decreto ou por lei, e será capaz de desenvolver-se até qualquer grau.

Como a vida e a ação espontânea, paralisada durante séculos por obra do onipotente Estado, vão a ser devolvidas às comunas em virtude da abolição do Estado, são naturais que cada comuna tome como ponto de partida de seu novo desenvolvimento não a situação intelectual e moral descrita a ela pela mentira oficial, mas o estado real da civilização. E posto que o grau de civilização real difira muito entre uma e outra comuna francesa, assim como entre as comunas do resto da Europa, necessariamente se darão diferenças importantes entre a velocidade de seus desenvolvimentos progressivos, ao seu mútuo acordo, ao desenvolvimento de uma compreensão mútua, ao equilíbrio social e à harmonia. Aparecerá então uma nova vida e um novo mundo.

O ideal aparece para o povo, em primeiro lugar, como fim da pobreza e como plena satisfação de todas as suas necessidades materiais por meio do trabalho coletivo, obrigatório e igual para todos.

O trabalho mental isolado, assim como todo trabalho intelectual, no campo da investigação e da invenção, não deve ser retribuído. Mas como farão então para

viver os homens de talento, os homens de gênio? Claramente, viverão realizando um trabalho manual e coletivo com todos os outros demais. Acaso quer submeter as grandes inteligências à indignidade do trabalho manual, o mesmo trabalho das mentes inferiores? Sim, precisamente queremos isso por duas razões: Primeiro, estamos convencidos de que as grandes inteligências, longe de perder, ganharão, pelo contrário, muito em saúde e vigor mental e, sobretudo, em espírito de solidariedade e de justiça; e segundo, porque nos parece este o único meio para elevar e humanizar o trabalho manual e instituir assim uma verdadeira igualdade entre os homens.

Parece-nos um erro crer, como fazem alguns, que depois da revolução social todos serão igualmente sábios. A ciência, tal como hoje, seguirá sendo um dos numerosos campos especializados, com a diferença de que essa especialidade, acessível na atualidade só aos indivíduos pertencentes às classes privilegiadas, será logo, - quando desapareçam as distinções de classe para sempre - acessível a todos os que tenham vocação e desejo por estudar, mas não à custa do trabalho comum manual, que será obrigatório para todos.

Unicamente a instrução científica geral se converterá em patrimônio comum: Principalmente o conhecimento geral do método científico, a aprendizagem da forma de pensar da ciência, isto é, de generalizar a partir dos fatos e extrair deles conclusões válidas em maior ou menor grau.

Sem dúvidas, se nos pergunta: Se todos serão educados, quem irá querer trabalhar? Nossa resposta é simples: Todos trabalharão e todos serão educados. O conhecimento do sábio se tornará mais fecundo, mais útil, terá maior alcance quando já não desconheça o trabalho físico, e o labor do operário instruído será realizado mais inteligentemente e, conseqüentemente, será também mais produtiva que a realizada pelo operário ignorante. Disto se segue que é benefício tanto do trabalho como da ciência que não existem mais trabalhadores nem cientistas, mas sim unicamente homens.

É possível e até provável que no período de transição mais ou menos prolongado que naturalmente seguirá o rastro de uma grande crise social, as ciências mais elevadas descerão a um nível muito mais baixo do que estão nesse momento. O que a ciência perde em nobreza sublime, não o ganhará ampliando sua base? Sem dúvidas, o começo haverá menos cientistas ilustres, mas se haverá reduzido em grande medida a quantidade de pessoas ignorantes. Não existirão mais que uns poucos agraciados que alcançam os céus, mas que sem seu lugar haverá milhões que agora se encontram afastados por suas condições de vida; eles viajarão pelo mundo como homens livres e orgulhosos de si mesmos. Não existirão semideuses, mas tampouco haverá escravos. Os semideuses e os escravos terão se humanizado; os primeiros descerão algo e os outros se elevarão muito. Não terá lutar então lugar nem para a divinização, nem para o desprezo. Todos os homens se unirão e marcharão com são vigor para novas conquistas da ciência e da vida.

O socialismo empreenderá uma guerra impiedosa contra as “posições sociais”, mas não contra os homens. E uma vez que essas posições tenham sido destruí-

das, as pessoas que as ocupavam, já desarmadas e desprovidas de todo o meio de ação, se tornará inócua e muito mais débil, que o trabalhador mais ignorante. Seu poder atual não reside neles como tais nem em suas qualidades intrínsecas, mas em sua riqueza e em seu respaldo que obtém do Estado.

A revolução social, então, não só os perdoará, mas que, havendo-os derrubado e despojado de suas armas, os incorporará novamente e lhes dirá: “E agora que vós vos convertestes em nossos iguais, queridos camaradas, preparem-se para trabalhar junto a nós. No trabalho, como em todo o resto, é o primeiro passo o mais difícil e os ajudaremos fraternalmente a superar essa dificuldade”. Pois qualquer pessoa que sendo forte e gozando de boa saúde não queira ganhar seu sustento trabalhando, terá o direito de deixar-se morrer de fome, e no caso de que não se resigne a uma humilde e miserável existência como protegido da caridade pois seguramente não se negará a satisfação de suas necessidades básicas.

E quanto seus filhos, não há dúvidas de que se converterão em bravos trabalhadores, em homens livres e iguais. Na sociedade haverá certamente menos luxo, mas maior riqueza, e ainda mais, terá uma classe de luxo ignorada por todos: O luxo da humanidade, da felicidade e do desenvolvimento integral e da plena liberdade de todos na igualdade de todos.

Todas as outras classes (exceto o proletariado rural e urbano) devem desaparecer da face da terra; devem desaparecer não os indivíduos que as compõem mais as classes. O socialismo não é cruel, é mil vezes mais humano que o jacobinismo, isto é, a revolução política. Não está dirigido contra os indivíduos, nem mesmo contra os mais abomináveis, pois compreender muito bem que todos os indivíduos, bons ou maus, são produto inevitável da posição social criada para eles pela sociedade e pela história. Na verdade, os socialistas não são capazes de evitar que as pessoas, nos primeiros dias da revolução, de rédeas soltas a sua fúria suprimindo aos seus inimigos mais odiosos, mais ferozes e perigosos. Mas uma vez que passe o furacão, os socialistas se oporão com todo seu poder, em um sentido político e jurídico, a uma carnificina hipócrita perpetrada a sangue frio.

Sobre a revolução, ela não é nem vingativa nem sanguinária. Não exige a morte, nem o exílio, nem sequer deportações individuais da quadrilha bonapartista que, armada de meios poderosos e melhor organizada que a própria república, conspira abertamente contra essa república, conspira contra a França. A revolução exige somente o encarceramento de todos os bonapartistas, simplesmente uma medida de segurança pública até o fim da guerra e até que estes patifes e suas mulheres devolvam pelo menos o total da riqueza que acumularam roubando da França. Logo será permitido irem onde quiserem; a revolução lhes dará até o dinheiro que lhes permita terminar normalmente seus dias e ocultar sua vergonha. Como se pode ver, isto dificilmente pode se chamar de medida cruel, mas obviamente será muito efetiva e absolutamente necessária do ponto de vista do bem estar da França.

Assim que a revolução comece a tomar um caráter socialista, deixará de ser cruel e sanguinária. O povo não é de nenhuma maneira cruel; são as classes gover-

nantes as que sempre têm se mostrado cruéis. Às vezes o povo se levanta furioso contra todos os enganos, vexações, opressões e torturas das que é vítima, e então atropela como um touro enfurecido, sem ver nada e demolindo tudo o que se acha em seu caminho. Mas sesses são momentos muito raros e breves; habitualmente o povo é bom e humano. Sofre demasiadamente para causar sofrimento aos demais.

Mas infelizmente o povo serviu muitas vezes como instrumento da fúria sistemática das classes privilegiadas. Todas as ideias nacionais, políticas e religiosas, em prol das que derramou seu próprio sangue e o sangue de seus irmãos - os povos estrangeiros -, sempre serviram somente aos interesses das classes privilegiadas, e se converteram constantemente em meios de novas opressões e exploração. Em todas as cenas violentas da história de todos os países em que o povo, enfurecido até a loucura, pôs sua energia na destruição mútua, encontrarão invariavelmente detrás dessas massas há agitadores e dirigentes das classes privilegiadas: militares, nobres, sacerdotes e burgueses. Não é entre o povo que alguém deve buscar a fúria fria, concentrada e organizada cruel e sistematicamente, mas nos instintos, nas paixões e nas instituições políticas e religiosas e na aplicação iníqua e impiedosa dessas leis.

Já falei da fúria da burguesia em 1848. Assim mesmo, a ira de 1792, 1793 e 1794 foi exclusivamente burguesa. O famoso massacre de Avignon (outubro de 1791), que inaugurou a era dos assassinatos políticos na França, foi ordenada e perpetrada, em parte, pelos sacerdotes e nobres, e em parte pela burguesia.

As carnificinas de Vendee levadas a cabo pelos camponeses também foram dirigidas por nobres reacionários vinculados à igreja. Sem exceção, os instigadores dos massacres de setembro foram todos burgueses e, o que é menos conhecido, os iniciadores desses massacres e a maioria dos principais assassinos pertenciam a esta classe. Collot d'Herbois, Panie, o adorador de Robespierre; Chaumette, Bourdon, Fourquier-Tinville, essa personificação da hipocrisia revolucionária e da guilhotina: Carrier, que foi responsável das repressões em Nantes, todos eles foram burgueses. E o comitê de Segurança Pública, o terror frio, calculado, legal, e a guilhotina, todas foram também instituições burguesas. O povo teve papel de espectador e, às vezes, por infelicidade, aplaudiu tontamente essas exibições de legalidade hipócrita e de fúria política da burguesia. Logo a execução de Danton, inclusive o povo se converteu em vítima dela.

A revolução jacobina de 1794-94, revolução burguesa e exclusivamente política, estava condenada a levar a hipocrisia legal e a solução de todas as dificuldades e de todos os problemas por meio do vitorioso argumento da guilhotina.

Se, a fim de extirpar a reação, nos contentemos com atacar suas manifestações sem tocar nas raízes e nas causas que a façam produzir novamente, chegamos por força à necessidade de executar muita gente, de exterminar, com ou sem justificativas legais, muitos reacionários. Isto, inevitavelmente, faz que os revolucionários, depois de matar muitas pessoas, se vejam conduzidos a triste convicção de que não se tenha ganhado nada e que não se avançou um só passo até a concretude de sua causa, mas que, ao contrário, se deu uma virada prejudicial à revolução ao empregar

estes métodos e se preparou o triunfo da reação. E ocorre assim por duas razões: Primeiro, porque permanecendo intactas as causas da reação, esta pode reproduzir-se e multiplicar-se em novas formas; e segundo, porque antes que transcorra muito tempo as carnificinas e massacres sangrentos levam consigo tudo de humano do homem.

A revolução de 1793, diga o que se diga dela, não foi nem socialista nem materialista; tampouco foi, de nenhuma maneira, usando a pretenciosa expressão de M. Gambetta, uma revolução positivista. Foi burguesa, metafísica, jacobina, política e idealista. Generosa e envolvente em suas aspirações pugnavam por uma coisa impossível: Estabelecer uma igualdade ideal no meio da desigualdade material. Ao tempo que preservava como fundamentos sagrados todas as condições da desigualdade econômica, acreditava poder unir e desenvolver todos os homens em um arrebatador sentimento de fraternidade, de igualdade humana, intelectual, moral, política e social. Esse foi seu sonho, sua religião manifesta pelo entusiasmo, pelos atos imensamente heroicos de seus melhores e maiores representantes. Mas a realização desse sonho era impossível porque ia contra todas as leis naturais e sociais.

